

CAPÍTULO VI

ADOLESCÊNCIA

INTRODUÇÃO

Tempos atrás, a adolescência não passava de uma sala de espera do mundo adulto. Com o desenvolvimento da sociedade, cada vez mais complexa, prolongou-se a duração da fase adolescente, que, até poucas décadas, quase coincidia com a puberdade (dos 11 aos 13 anos).

Nas sociedades tribais primitivas, a passagem do mundo infantil para o adulto era muito breve e seguia normas rígidas. Seu início e seu fim eram claramente definidos por rituais. Em poucas semanas ou meses, o adolescente era instruído nas artes necessárias para obter alimento e defender seu povo; casava-se e assumia de modo pleno a condição de guerreiro, ou seja, de adulto. Hoje, a incorporação ao mundo do trabalho e a atribuição das responsabilidades adultas costumam ser mais precoces no meio rural e nos níveis socioeconômicos mais baixos do que nos níveis mais altos e nas zonas urbanas desenvolvidas. Portanto, a duração da fase adolescente varia não só com as épocas, os países e as culturas, mas também dentro de uma mesma comunidade.

A necessidade de maior capacitação e educação para que a pessoa possa inserir-se no mundo do trabalho com possibilidades de êxito leva a uma tendência da sociedade contemporânea de favorecer o prolongamento da adolescência ou de pelo menos alguns de seus aspectos. No caso da população juvenil-estudantil, por exemplo, a extensão dos estudos universitários e a exigência posterior de estudos de pós-graduação, residências ou estágios dificultam a formação de uma nova família, aumentam a dependência psicológica e econômica dos pais e não favorecem a aceitação plena do papel e da responsabilidade do

adulto. Diferentemente de sociedades precedentes, nas quais o fim da adolescência era claramente definido, vemos hoje uma passagem lenta e difusa para a maturidade. Se, do ponto de vista jurídico, o jovem é considerado apto — aos 16, 18 ou 21 anos — para casar-se, tirar carteira de motorista, votar ou realizar atos de compra e venda, para entrar no mercado de trabalho exige-se que ele tenha cinco ou mais anos de experiência.

À medida que a adolescência foi sendo prolongada, tornaram-se mais evidentes as características de personalidade próprias dessa fase, com a formação de uma cultura adolescente que guarda, às vezes, semelhanças com as subculturas dos grupos sociais marginalizados. Para defender-se, o adolescente cria barreiras diante do mundo adulto, evitando comunicar-se com este e formando, dessa maneira, uma linguagem e uma subcultura peculiares, que o excluem desse mundo.

Embora a relação do sujeito em desenvolvimento com a sociedade e a cultura seja importante em todas as etapas evolutivas, isso é essencial na adolescência. Ruth Benedict e Margaret Mead,¹ em seus trabalhos de Psicologia do Desenvolvimento Comparada, confirmam que a variável decisiva é cultural. Também J. Stone e J. Church² consideram a adolescência um fenômeno cultural distinto daquele estritamente biológico da puberdade.

Vejamos de forma breve a etimologia dos conceitos de puberdade e de adolescência.

A palavra “puberdade” deriva do latim *pubertate*, isto é, “idade viril”, e do verbo *pubescere*, que significa “cobrir-se de pêlos na região púbica”. Por isso, a palavra “puberdade” é usada, em geral, para assinalar o início da adolescência, referindo-se especificamente às mudanças corporais.

¹ MEAD, M. *Adolescência y cultura en Samoa*. Buenos Aires, Paidós, 1961.

² STONE, J. & CHURCH, J. *Niñez y adolescência*. Buenos Aires, Hormé, 1959. p. 315.

"Adolescência" vem de *adolescentia*, que significa período de crescer, de desenvolver-se. Está implícito no significado que é um período conflitivo ou de crise, um processo de mudança. Françoise Dolto³ descreve esse período como um purgatório, similar ao sofrimento do parto, de um segundo nascimento psicológico.

Jerónimo de Moragas⁴ adota um critério interessante no que se refere à distinção entre puberdade e adolescência: considera que, embora intimamente relacionados, os dois processos não devem ser identificados, pois não são exatamente simultâneos e em alguns aspectos são independentes por completo.

Moragas afirma que a puberdade, entendida como uma mudança radical das estruturas bioquímicas e morfológicas do soma,⁵ é precedida, acompanhada ou seguida de um período adolescente. O contrário, porém, não é exato. Se, devido a transtornos somáticos, a puberdade não ocorrer, ou ocorrer de forma muito atenuada, nem por isso a adolescência deixará de se manifestar no indivíduo. Embora faltasse a ele a estimulação necessária para provocar as modificações corporais e a irrupção da genitalidade, paradoxalmente enfrentaria a problemática adolescente não no que se refere ao corpo, mas a outros aspectos próprios desse período.

Para Moragas, ser adolescente é estar no mundo de outra maneira. A atitude do adolescente diante da família, do estudo, dos amigos é diferente.

A mudança da adolescência pode ser lenta ou repentina, pode variar tanto no ritmo quanto na intensidade, embora exija seu próprio tempo para ser concluída de modo feliz.

³ DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

⁴ MORAGAS, J. de. *Psicología del niño y del adolescente*. Barcelona, Labor, 1970. pp. 219-223.

⁵ O organismo considerado como expressão material, em oposição às funções psíquicas.

Pelo que foi exposto nos parágrafos anteriores, podemos concluir que a adolescência não pode ser descrita como uma simples adaptação às transformações corporais, mas sim como um período decisivo do ciclo vital, no qual a pessoa atinge a autonomia psicológica e insere-se no mundo social sem a mediação da família.

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A COMPREENSÃO DA ADOLESCÊNCIA

A seguir, consideraremos de forma breve algumas contribuições de pesquisadores do desenvolvimento humano e estudos em geral para a compreensão do fenômeno adolescente. Essas contribuições nos serão úteis para caracterizar o período da adolescência e visualizar melhor a multiplicidade de problemas que apresenta.

W. Stanley Hall (1844-1924), um dos primeiros pesquisadores da adolescência, chama esse período — que, para ele, compreende dos 12 ou 13 anos até os 22 ou 24 anos — de “segundo nascimento”, pois é nesse período que se manifestam os traços mais desenvolvidos e essencialmente humanos. Fervoroso seguidor da teoria darwinista da evolução, Stanley Hall desenvolveu a hipótese de recapitulação do desenvolvimento humano. Afirmou que, no transcurso da sua evolução, cada indivíduo atravessa etapas que correspondem às que, por sua vez, ocorreram na história da humanidade. A adolescência representaria a época em que a espécie humana encontrava-se em transição e turbulência, situação que se repete em cada um de nós nesse período.

Freud (1856-1939) não se ocupou especialmente da adolescência, à qual considerava um período de recapitulação de reativação do complexo de Édipo e de experiências anteriores, nas quais os resíduos deveriam ter sido resolvidos. Na perspectiva freudiana, as transformações somáticas da puberdade constituem a origem das mudanças psicológicas da adolescência; há um aumento da pressão pulsional que rompe o equilíbrio do período de latência.

Foi a filha de Freud, Anna, quem dedicou grande parte de sua obra à problemática da adolescência. Afirmar que os adolescentes são excessivamente egoístas, consideram-se o centro do universo e o único objeto de interesse, mas, paradoxalmente, essa é a fase na qual o ser humano é capaz de grande generosidade, auto-sacrifício e devoção. Em seus trabalhos, Anna Freud (1895-1982) mostra com clareza a vida flutuante do adolescente, caracterizada pelos opostos e oscilando entre tendências que se contrapõem:

- exaltação — indiferença;
- atividade — passividade;
- egoísmo — generosidade e altruísmo;
- apego ao material — espiritualismo desprendido;
- solidão e isolamento — agrupamento;
- submissão cega — rebeldia;
- otimismo — pessimismo;
- ascetismo — descontrole afetivo, hedonismo.

Anna Freud descreve os mecanismos defensivos da intelectualização e o ascetismo como os principais meios utilizados pelo adolescente para controlar o aumento da atividade pulsional na puberdade.

Na intelectualização, o jovem leva para o plano da discussão teórica aquilo que é um conflito afetivo interno. Assim, por exemplo, interessa-lhe discutir sobre o papel do Estado ou sobre as diversas ideologias políticas, ocultando, com esse interesse intelectual no debate político, seu conflito pessoal com a autoridade, ou melhor, fundamentalmente, conflito com seus pais. Falar sobre as qualidades ou problemas de um Estado forte ou fraco ou da sua ausência é seu modo de transferir ou deslocar a discussão sobre a aceitação ou não da autoridade paterna. O adolescente adere a ideais ou ideologias, até mesmo com fanatismo, como uma saída mais aceitável, em termos sociais ou pessoais, para suas energias agressivas ou sexuais.

Outro mecanismo de freqüente utilização contra as novas exigências pulsionais é o ascetismo. O adolescente "ascético" opõe-se a qualquer tipo de prazer sexual, de gozo pulsional, para controlar na origem suas pulsões e a conseqüente descarga motora, evitando assim as dificuldades que essas lhe trariam. É um meio extremo de contenção diante da "invasão" das tendências impulsivas.

Otto Rank (1884-1939) foi um dos primeiros autores psicanalíticos que desviou a atenção do período infantil, atenuando a importância das primeiras experiências e considerando a passagem da dependência para a independência, ou seja, a adolescência, o aspecto mais importante do desenvolvimento do indivíduo. O desenvolvimento da vontade é a chave para a independência. A função volitiva, que se fortalece durante a latência, na adolescência atinge desenvolvimento suficiente para iniciar o processo de independência e volta-se contra qualquer autoridade alheia ao ego.

A vontade pressupõe certa autonomia dos condicionamentos externos e internos, e a adolescência é um período fundamental na sua consolidação ou fracasso. A irrupção das forças sexuais é tão poderosa que se transforma em contravontade. Se vencer, o indivíduo fica submetido a suas pulsões (dependência).

Para Arminda Aberastury,⁶ o sinal característico desse período é a necessidade de entrar no mundo adulto. O crescimento corporal e o desenvolvimento dos órgãos sexuais e da capacidade de reprodução são percebidos pelo adolescente como o surgimento de um novo papel, que modifica sua posição diante do mundo e compromete-o em todos os seus planos de convivência.

⁶ ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. 10. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

As mudanças físicas representam uma verdadeira metamorfose, atemorizando o púbere, que se sente impulsionado por forças desconhecidas atuando em seu interior. A mobilização provocada por essas mudanças leva-o a uma fuga progressiva do mundo exterior, refugiando-se em seu mundo interno, ou à busca desesperada de planos e reformas do mundo externo. A inter-relação e a distância entre mundo interno e realidade externa determinarão a duração e qualidade da crise.

Além do medo do que é novo, o adolescente deve elaborar a perda do mundo infantil, no qual se refugia de forma nostálgica nos momentos de dificuldade.

A tese da autora sobre o triplo luto do adolescente compreende:

- luto pelo corpo infantil;
- luto pela identidade e pelo papel infantil;
- luto pelos pais da infância.

O adolescente vive a perda de seu corpo infantil com a transformação brusca que sofreu na puberdade, mas sem ter ainda uma personalidade adulta. A transformação do corpo coloca o adolescente diante da inevitabilidade das mudanças e da perda de sua condição de criança ("tenho de agir como um adulto, de acordo com meu corpo"). Deve abandonar também sua identidade e papéis infantis. Com a aceitação de suas mudanças físicas, começa a vivenciar novos papéis e a buscar uma nova identidade. Passa a procurar um vínculo de maior autonomia em relação aos pais protetores da infância, embora por momentos sinta nostalgia da dependência infantil. Deseja, por exemplo, ser considerado adulto para ter mais liberdade, mas espera ser considerado criança diante de determinadas dificuldades ou responsabilidades.

Arminda Aberastury, em relação a esses lutos, assinala, além disso, que o adolescente, ao assumir uma identidade sexual definitiva, abandona as fantasias infantis bissexuais. Nesse aspecto, a masturbação é uma tentativa do adolescente de não aceitar sua condição heterossexual e de retornar a uma nostál-

gica e onipotente fantasia infantil, na qual não precisa do outro e tem tudo do que precisa para sua satisfação, inclusive no plano sexual.

Maurício Knobel⁷ assinala, ainda, que os adolescentes representam uma população vulnerável porque são depositários de uma grande quantidade de fenômenos sociais patológicos, especialmente os do mundo adulto, o qual determina os destinos da sociedade. Os fenômenos sociais da delinquência, do vício, da prostituição e da promiscuidade sexual estão associados à fase adolescente, embora não sejam exclusivos desse período. Esses fenômenos aumentam na adolescência e ocorrem em todas as sociedades, pois essa população é vulnerável.

Por isso, os males não podem ser atacados apenas com medidas que visem à educação e à proteção dos jovens; devem ser feitas mudanças no mundo adulto, que é aquele que provê essas situações (além de oferecer as drogas, induz os jovens à prostituição e explora-os). São problemas estimulados pelo mundo adulto, e não problemas genuínos da adolescência. As características psicológicas de rebeldia e inconformismo tornam o adolescente um fácil depositário desses fenômenos patológicos de organização social.

A tese de Knobel sobre a *síndrome normal da adolescência* defende que, como os adolescentes atravessam normalmente desequilíbrios e instabilidades extremos que os obrigam a recorrer ao uso de defesas e comportamentos também extremos, é possível falar de uma verdadeira "patologia normal" do adolescente, cujos sintomas são:

- Procura de si mesmo.
- Tendência grupal. Super-identificação maciça entre os membros do grupo; fuga da uniformização.

⁷ ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. 10 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

- Necessidade de fantasiar e intelectualizar.
- Crise religiosa, preocupação metafísica e ética.
- Desorientação temporal: o tempo é transformado em presente, as urgências são enormes e os adiamentos são considerados irracionais.
- Evolução do auto-erotismo para a heterossexualidade.
- Atitudes sociais reivindicatórias. Rebelia juvenil.
- Tendência à ação.
- Separação progressiva dos pais.
- Flutuação do humor e do estado de ânimo.

Segundo Erik H. Erikson,⁸ assim como para o bebê é fundamental o sentido de confiança, o sentimento de fé no mundo que o cerca e cuida dele, pois só assim pode sobreviver e enfrentar as vicissitudes trazidas pelo desenvolvimento da personalidade infantil, no caso do adolescente é o sentido de identidade que leva à adoção de decisões que lhe permitirão inserir-se no mundo adulto.

Com relação ao aparecimento do sentido de identidade adulta, o jovem não se pergunta tanto quem é, mas sim o que é e em que contexto pode ser e vir a ser, questiona-se mais sobre seu futuro. A certeza quanto ao lugar que ocupa no presente e no futuro permite que o indivíduo conquiste confiança e avance para níveis superiores de desenvolvimento.

O risco específico dessa etapa é a confusão de papéis. Se a identidade do ego não se estabelece de forma correta, o papel que o indivíduo deve desempenhar na sociedade fica difuso ou confuso. A inteireza da identidade do ego possibilita que a pessoa chegue à intimidade sem medo de se perder nesse vínculo (fusão despersonalizante), o que lhe permitirá entrar na vida adulta.

⁸ ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974; *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

A adolescência, para Erikson, é um período de moratória psicossocial durante a qual o indivíduo pode preparar-se para a autonomia ao mesmo tempo que ainda recebe da família apoio, proteção e orientação, e é menos exigido socialmente do que o adulto. Porém, é um período de dependência, na qual a pessoa ensaia modos de viver e de se relacionar com as demais, além de testar suas capacidades e limites.

Com o conceito de moratória psicossocial introduzido por Erikson, acentua-se a necessidade de um tempo de reflexão para integrar os elementos da identidade do ego no qual os compromissos que levam à vida adulta são adiados. É um "ainda não" à ação.

Romano Guardini (1885-1968)⁹ situa a crise do amadurecimento ou da puberdade entre os níveis vitais infantil e juvenil. Essa crise é causada pelo cruzamento dos dois impulsos humanos básicos, a afirmação individual de si mesmo e a tendência sexual. A autêntica crise da primeira dessas tendências começa com a consciência de que se é alguém diferente dos demais, o que significa o despertar da personalidade. É por isso que, no período da adolescência, a pessoa está exageradamente voltada para si mesma; há freqüente rebelião contra a autoridade ou desconfiança em relação ao que dizem os demais, em especial os mais velhos. A meta do adolescente é distinguir-se dos demais sendo ele mesmo; é ter um julgamento próprio sobre o mundo e uma situação exclusiva nele; é chegar a ser "eu mesmo" para aproximar-se dos demais, considerando-os como "o outro", enquanto ele é um "eu".

A outra causa da crise é o despertar da sexualidade e sua inserção na totalidade da vida pessoal. A crise do amadurecimento é ameaçada por vários perigos. No que se refere à autoafirmação, um deles é que a pessoa não dê os passos necessários

⁹ GUARDINI, R. *A aceitação de si mesmo: as idades da vida*. São Paulo, Palas Athena, 1987.

para chegar à autonomia e continue dependente, ou, ao contrário, permaneça rebelde, sem compreender o que é uma ordem aceita livremente. Quanto à tendência sexual, um obstáculo que pode ser enfrentado é o de não reconhecer como legítima a nova atividade vital despertada, tornando-se incapaz de ser pai ou mãe no pleno sentido da palavra ou, pelo contrário, entregando-se ao sexo e embrutecendo-se, sem chegar ao amor autêntico.

Romano Guardini destaca duas características básicas da forma de vida do jovem. Primeiro, menciona sua força vital, pela qual abre espaço para a vida e representa uma verdadeira força de ascensão da personalidade para seu desenvolvimento e perfeição. Em segundo lugar, alude à falta de experiência da realidade, que se expressa, por exemplo, na falta de medida em relação ao que pode o adolescente e ao que pode o adulto, em geral.

A seguir, transcreveremos um texto de Eduardo Spranger, pois acreditamos que pode proporcionar uma rica reflexão sobre a adolescência, mesmo sendo datado do início do século XX:

*Ensaio de uma caracterização psicológica da adolescência*¹⁰

[...] as características da nova organização psíquica, em termos essenciais, são três:

1. descoberta do eu;
2. formação paulatina de um plano de vida;
3. ingresso nas distintas esferas da vida.

1) A descoberta do eu

[...] significa a volta do olhar para dentro (a reflexão), a descoberta do sujeito como um mundo por si, isolado para sempre do restante do mundo, coisas e pessoas; é a vivência da grande

¹⁰ SPRANGER, E. *Psicología de la edad juvenil*, Madrid, Rev. de Occidente, 1948, cap. II.

solidão. Predomina agora um novo sentimento do eu: a consciência de que se abriu uma profunda brecha entre o eu e o não-eu; de que não só todas as coisas, mas também todas as pessoas estão infinitamente distantes e são infinitamente estranhas; de que se está sozinho em um abismo.

A conseqüência natural é a auto-reflexão, em todas as formas possíveis, desde o simples enterrar-se nos próprios sentimentos sem objeto até o aprofundamento filosófico. Há nesse período um estado de reflexão sem pensamentos (ensimesmar-se sem objeto).

A criança pergunta: "Onde eu estava antes de nascer?" ou "O que eu fazia antes de nascer?". O adolescente pergunta: "Por que existo? Onde está meu valor?"

[...] essa submersão no segredo da individualidade é exteriorizada escrevendo diários. Os jovens mantêm correspondências epistolares não para expressar-se "mutuamente", mas para mirar-se no espelho do que escrevem e recolhem.

Na adolescência, o jovem está, em termos figurados, o tempo todo diante do espelho; agarra-se, pressuroso, a tudo o que lhe pode servir como espelho da alma.

Repara-se, agora, no estranho antagonismo do movimento interior, que é dirigido, em parte, a fugir de si mesmo e em parte a encontrar-se consigo mesmo. Um mesmo fenômeno pode envolver as duas coisas. Assim, o instinto aventureiro, que faz parte dos jovens desde sempre, e é uma expressão da inquietude, que tende a separar-se do torrão natal (isto é, um pedaço do antigo eu), busca o estrondo até ensurdecer, corre atrás de novas impressões exteriores e ao mesmo tempo aspira ao repouso e à concentração. [...] A vertigem dionisiaca desse período tende justamente a chegar a esses graves estados de esgotamento, que trazem a paz consigo mesmo. Outros vivem de forma mais tranqüila, mais literária. "Libertam-se" de suas superexcitações, confiando-as ao diário ou à poesia. Uma expressão de forma rigorosa é sempre ambas as coisas: uma descoberta e uma libertação de si mesmo.

O despertar da alma, porém, não se manifesta apenas na reflexão sobre si mesmo, mas também em uma grande susceptibilidade, que indica um sentimento exagerado da própria digni-

dade, ainda sumamente necessitado de indulgência. A alma, que floresce pela primeira vez para si mesma, exige tanto mais respeito dos demais, especialmente dos adultos, quanto não está ainda totalmente segura de si mesma.

Junto com a reflexão sobre si mesmo e a susceptibilidade, desperta também o impulso de independência, que é um sinal de que um novo eu formou-se nas profundezas da alma. As "tentativas de emancipação" são, portanto, necessárias nessa época da vida, e não uma manifestação de desobediência ou fuga das pessoas. O adolescente começa a propor fins para si mesmo.

2) Formação paulatina de um plano de vida

A princípio, não se trata sequer de planos nascidos de um fim plena e claramente proposto. Referimo-nos, porém, à direção tomada pela vida interior, formando-se, com a tendência dos impulsos e a expressão do mundo exterior, um paralelogramo de forças.

Para a criança, a vida é, em geral, uma sucessão de momentos independentes. Correndo de prazer em prazer e pulando de um interesse para outro, não tem ainda consciência de que age em um todo. O tempo parece ilimitado.

Com a puberdade psíquica inicia-se, muito lentamente, uma visão que cresce de ano para ano: "Com sua atividade, você participa de um todo. O que você está tecendo nessa trama é irrevogável; fica transformado para sempre em um pedaço seu". O diário pessoal representa um importante sintoma da tendência de encontrar e fixar retrospectivamente a continuidade de si mesmo. As lembranças da infância têm muitas vezes um papel nisso. Naturalmente, o olhar se dirige para a frente. Forma-se, de modo espontâneo, um tácito ideal. As chamadas realidades representam, a princípio, nessa imagem do futuro, alguns poucos pontos. Os amplos espaços intermediários são povoados pela fantasia criadora.

3) Ingresso nas distintas esferas da vida

A criança conhece todas as direções em que o adulto dá sentido às coisas ou vive o sentido que estas têm. Pode viver valores estéticos, lógicos e religiosos, da mesma forma como

compreende o sentido da utilidade, do amor ou do poder. No entanto, a relação da criança com as esferas do sentido e do valor é, em vários aspectos, diferente daquela do adolescente. Em primeiro lugar, para ela estas não representam a consciência como aspectos diferenciados da vida [...], as formas de conhecimento, as formas da beleza e as formas da utilidade ainda não se separaram, assim como a própria criança não saiu da unidade amorosa primitiva com a mãe, a natureza e o divino.

Além dessa diferenciação, o adolescente vive todas essas relações com outra coloração, de forma muito mais subjetiva, muito menos entregue ao objeto; mas, em troca, com a ênfase característica de vivê-lo “ele mesmo”, a seu próprio modo, com uma participação amplamente pessoal, afirmando ou resistindo [...] agora começa o próprio valorizar, porque se iniciam as próprias vivências do sentido e o próprio julgamento. Disso resulta que só com a adolescência se torna possível uma colaboração ativa na cultura.

Têm início a própria criação artística, a própria reflexão, a própria formação de sociedades, as próprias vivências religiosas do universo. E, embora o jovem não acrescente mais do que um grão aos bens culturais existentes, já começa a ser capaz de engendrar também no sentido espiritual.

A criança, pelo contrário, age de forma receptiva aos bens da cultura; no máximo, de forma ativa, de um modo imitativo [...] vive, por meio da cultura existente, sua própria existência dependente.

Vemos, nessas teorias, que as tarefas essenciais da adolescência são complexas e dificilmente podem ser condensadas em apenas algumas. A seguir, vamos detalhar algumas dessas tarefas nas diferentes fases da adolescência, para depois abordar o sentido da vida e a inserção social e cultural.

FASES DA ADOLESCÊNCIA

Adolescência inicial

Também chamada “baixa adolescência”, inclui a puberdade. Nas mulheres, ocorre entre os 11 e os 12 anos. Nos meninos, entre os 12 e os 13.

O desenvolvimento corporal, que já vinha aumentando na pré-adolescência, é alterado pela transformação brusca do organismo infantil, que exige uma profunda reorganização da personalidade. A mudança do tamanho e da forma do corpo faz aumentar a necessidade de se transformar em adulto e as cobranças para fazê-lo.

Há a diferenciação física definitiva entre os sexos, com o aparecimento dos caracteres sexuais primários e secundários. A atenção e as energias do adolescente inicial são absorvidas pela problemática narcisista, isto é, a reestruturação do esquema corporal e a conquista da identidade. O outro sexo é percebido como perigoso. Assim, o adolescente relaciona-se em maior grau com indivíduos de seu próprio sexo (grupos de pares do mesmo sexo).

A família continua a ser o centro da vida do adolescente, embora ele comece a desprender-se dela.

Adolescência propriamente dita ou média

Compreende o período entre os 12-13 e os 16 anos. É o estágio no qual se constrói a identidade sexual definitiva e desenvolve-se a identidade pessoal.

O desenvolvimento corporal reduziu seu ritmo e vai adquirindo proporções adultas. A pessoa volta-se para o sexo oposto e forma grupos heterossexuais de amigos. Realiza, assim, diversas atividades para se aproximar do outro sexo (esportes, bailes).

Nesse período, ocorre um distanciamento afetivo da família, que vai deixando de ser o centro da existência da pessoa. Nas tentativas de se tornar independente dos pais, são frequentes os atos de rebeldia contra eles e contra a autoridade em

geral. Por outro lado, o jovem liga-se firmemente ao grupo formado por seus pares e conforma-se a suas normas e costumes, às exigências de ser leal aos líderes e à "ideologia" do grupo.

No plano afetivo, é um período de ambivalências, vacilações e contradições. A confusão e o descontrole são freqüentes. É uma fase de busca do sentido da vida, de descoberta de valores e de preocupação ética.

Adolescência final ou alta adolescência

O final do período adolescente é difícil de ser situado no tempo. Varia de acordo com critérios que se adota como mais importantes, como a inserção no mundo do trabalho, a responsabilidade legal, a separação dos pais, a capacitação profissional.

Levando em consideração variáveis psicológicas, como a identidade e a aptidão de estabelecer vínculos de intimidade, podemos dizer que as principais aquisições da adolescência são geralmente atingidas entre os 16 e os 18 anos.

É uma fase de consolidação e ensaio de modos de vida e de relacionamento com os demais. O adolescente vai enfrentá-la dependendo de como era e o que conseguiu na etapa anterior, recuperando a calma e o equilíbrio; prevalece, então, uma afirmação positiva de si mesmo. Ele já conhece suas possibilidades e limitações, o que favorece a aquisição de uma consciência de responsabilidade de uma relação com o próprio futuro.

É o período da escolha e da decisão vocacional. A escolha de uma carreira ou de uma profissão é um dos problemas mais importantes da existência humana e, desta vez, diferentemente dos problemas da infância e da adolescência precoce, o adolescente tem de enfrentá-lo sozinho, tomando uma decisão que o individualize.

Os ideais próprios da adolescência média, em geral abstratos, tendem a ser substituídos por um ideal concebido de forma singular e concreta.

MUDANÇAS CORPORAIS

No período da adolescência ocorrem modificações na forma e nas funções do corpo, já que este se transforma, em termos morfológicos e fisiológicos, em corpo adulto.

As mudanças corporais são determinadas endogenamente e pouco dependem de fatores ambientais. Influências climáticas (como radiação solar e temperatura), alimentares e sociais são importantes apenas quanto ao momento em que as mudanças se manifestam. Alguns pesquisadores observaram que em regiões frias ou muito quentes ocorre uma demora maior no amadurecimento sexual dos seres humanos, enquanto nas regiões de clima temperado e moderadamente quente a puberdade ocorre mais cedo.

David Paul Ausubel distingue, no período da adolescência, três níveis nas mudanças corporais:¹¹

Nível 1

- Ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior. Esses hormônios-estímulos é que provocam as mudanças corporais e sexuais desse período.

Nível 2

- Secreção do hormônio do crescimento (somatotrofina).
- Produção de óvulos ou de espermatozóides nas glândulas de reprodução.
- Aumento dos hormônios da supra-renal.

¹¹ AUSUBEL, D. P. et al. *Familia y sexualidad*. Buenos Aires, Paidós, 1965.

Nível 3

- Desenvolvimento dos caracteres sexuais primários:
 - aumento do pênis e dos testículos no rapaz;
 - aumento do útero e da vagina na mulher.
- Desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários:
 - aumento das mamas devido ao desenvolvimento glandular e distribuição de gorduras nos jovens;
 - mudança da voz;
 - modificação da cintura e da pelve, aparecimento de pêlos no púbis e nas axilas, diferentes de acordo com o sexo;
 - aparecimento da barba no homem.

Essas mudanças corporais têm início na pré-adolescência (estirão puberal). Começam mais cedo nas meninas, abrangendo entre os 10-11 anos e os 15-16 anos, enquanto nos meninos vai dos 11-12 anos aos 16-17 anos.

O aumento da estatura e do peso é muito acentuado. As meninas aumentam cerca de 4 a 5 kg no peso e de 7 a 10 cm na altura por ano. Os meninos aumentam de 5 a 6 kg e de 9 a 12 cm anuais.

O desenvolvimento precoce e rápido de alguns indivíduos suscita temores de se tornarem gigantes ou desproporcionais, e desejos de passar despercebidos. Da mesma forma, outros sentem angústia quando seu crescimento demora. Ao crescer, todos os jovens sentem-se observados e, ao mesmo tempo que os incomoda o olhar dos outros, preocupam-se em agradar fisicamente aos demais.

O crescimento corporal não é sincronizado, ou seja, as diferentes partes e subsistemas do corpo desenvolvem-se em ritmos diferentes e em momentos diversos. Logicamente, isso afeta as proporções corporais. As mãos e os pés crescem, por exemplo, mais depressa do que os braços e as pernas. As pernas esticam-se antes de se completar o aumento da largura dos om-

bros. O tamanho adulto é atingido primeiro pela cabeça, mãos e pés. Todas essas mudanças bruscas do corpo exigem uma reelaboração do esquema corporal.

Em geral, "esquema corporal", "imagem do corpo", "consciência do corpo" e "percepção do corpo" são expressões usadas como sinônimas. Mas há autores que fazem distinção entre percepção do corpo e esquema corporal, dado que esse último conceito pretende abarcar tanto o perceptivo quanto as demais funções psíquicas.

Vale lembrar que o esquema corporal é a imagem mental ou a resultante intrapsíquica da realidade que o sujeito tem de seu corpo (retomaremos esse tema no cap. VIII). É uma representação mental que o indivíduo elabora como consequência das experiências que vai tendo consigo mesmo. Essa imagem interna vai-se estabelecendo desde as primeiras atividades e intercâmbios com o meio. Vimos no tomo 1, capítulo II, que a fase do espelho, no primeiro ano de vida, é a passagem da imagem fragmentada do corpo à sua unidade.

Durante a idade escolar, as mudanças corporais são gradativas, mas, na adolescência, as modificações são bruscas e provocam a perda da confiança no próprio corpo e no domínio de suas funções. O adolescente sente que está mudando — e sente isso de forma muito viva. Não se reconhece, tem de olhar-se no espelho. O mirar-se no espelho, o retrair-se pensando em si e se observando, o olhar as próprias mãos, entre outros comportamentos, ocorrem fundamentalmente devido ao fato de que as modificações corporais provocam um desajuste no esquema corporal — o adolescente olha as próprias mãos para ver o que se passa com elas porque de repente tornaram-se desajeitadas e ele não consegue manejá-las muito bem.

O crescimento brusco e relativamente desarmonioso que assinalamos nos parágrafos anteriores — como, por exemplo, a aquisição de pés e mãos de adulto, enquanto as pernas e os braços permanecem em um estágio anterior — provocam a famosa dificuldade motora do púbere. Falta-lhe destreza muscu-

lar, ele oscila entre movimentos bruscos ou demasiado fracos e não tem a coordenação necessária entre os movimentos. Deve-se levar em consideração que a força muscular triplica durante a puberdade. Na infância, a estrutura óssea e muscular representava 30% do peso, enquanto agora passa a representar 60% dele.

As variações de forma, de força e de coordenação de um corpo e os comportamentos desajeitados daí resultantes demonstram o desajuste entre o "novo" corpo e a imagem corporal existente. O adolescente sente seu corpo como algo estranho, alheio, o que lhe causa angústia. Impotência, incapacidade, falta de jeito, estranheza são algumas das vivências e sentimentos frequentes até que consiga reelaborar seu esquema corporal.

O aumento da sudorese e da quantidade de gordura nas secreções cutâneas contribuem para o desenvolvimento da acne e afetam profundamente a relação com o próprio corpo e a valorização deste.

Entre as modificações corporais, é muito significativo o amadurecimento sexual.

No menino, os órgãos sexuais atingem a forma e o tamanho adultos. Amadurecem os testículos. A glândula prostática e as vesículas seminais possibilitam as primeiras ejaculações, que ocorrem involuntariamente durante o sono. A ereção do pênis, embora já ocorresse na infância, torna-se mais frequente.

A essas mudanças somam-se o surgimento da barba, a voz mais grave, o tronco e a pelve varonis. Torna-se inevitável a necessidade de redefinição da identidade sexual. Agora, a possibilidade de procriar e de ter relações sexuais não são meras fantasias, mas um problema que deve ser enfrentado e considerado no cotidiano.

Vimos que a identidade sexual se estabelece aos 5 anos, com a finalização do período triangular ou edípico, e se fortalece durante a idade escolar ou latência. Na adolescência, a possibilidade real de ter relações sexuais e de procriar, além da aquisição da capacidade de estabelecer vínculos de intimidade, exige maior esclarecimento e fortalecimento da atividade sexual.

A irrupção dos desejos sexuais, a dificuldade de se comunicar com o outro sexo, a necessidade de explorar e conhecer o próprio corpo, a angústia de manejar essa nova atividade, entre outros motivos, conduzem à masturbação, que é freqüente nesse período.

A sexualidade modifica a esfera de interesses e amizades de jovens de ambos os sexos. Passam a gravitar no plano social; decidem, agora, pertencer ou não a um grupo, levando em conta o sexo de seus integrantes, se os membros são todos do mesmo sexo ou não, ou se lhe agrada a aparência física dos membros do sexo oposto.

Nas meninas, o amadurecimento sexual é mais precoce e a menarca (primeira menstruação) é comum entre os 12 e os 13 anos. Entre os 10 e os 17 anos, ocorre em praticamente 100% da população feminina.

A menarca tem um grande significado; é símbolo da condição feminina. Faz com que a menina sinta-se mulher.

Os primeiros períodos menstruais em geral não são acompanhados de ovulação. Como conseqüência, a maioria das jovens é incapaz de conceber durante um ou dois anos após iniciada a menstruação.

O ciclo menstrual tem grande importância na personalidade e na atividade da mulher — as modificações cíclicas hormonais, que se produzem em média a cada 28 dias, afetam seu estado de humor e seu comportamento.

T. Benedek e B. S. Rubenstein¹² realizaram um estudo com mulheres em tratamento psicoterapêutico e controlado por meio de análise bioquímica do nível da atividade hormonal. Observaram as características das fantasias e os sonhos nas diversas fases do ciclo menstrual e chegaram às seguintes conclusões:

¹² BENEDEK, T. & RUBENSTEIN, B. B. *The sexual cycle in the woman: the relation between ovarian function and psychodynamic processes. Psychosomatic Medicine Monograph National Research Council*, v. 3, n.1, 1942.

1. Durante o amadurecimento do óvulo, a secreção do estrógeno mobiliza desejos heterossexuais e comportamentos orientados para o mundo externo. A ovulação é o ponto culminante.
2. Depois da ovulação, a secreção da progesterona favorece um comportamento mais receptivo e passivo, e também uma orientação para o mundo interno, de forma a preparar emocionalmente para uma possível gravidez.
3. Antes do início da menstruação, diminui bruscamente o nível de progesterona e há tendência à irritabilidade.

A IDENTIDADE COMO TAREFA DO ADOLESCENTE — AUTO-AFIRMAÇÃO E REBELDIA

Uma das tarefas essenciais do indivíduo na adolescência é chegar a uma autodefinição e à valorização e segurança pessoais.

O jovem deve alcançar sua identidade, que se expressa como um comportamento próprio e consistente, a fim de permitir que os demais possam prever em parte as suas ações e obter autonomia suficiente para agir sem necessidade de recorrer à autoridade e ao apoio afetivo de seus pais. É pessoa, é um indivíduo e precisa ser reconhecido como tal. Não quer e nem deve ser considerado filho ou filha de alguém.

A adolescência é, portanto, marcada pela passagem de uma identidade reconhecida para uma identidade assumida. Na infância, embora o sujeito já esteja consciente de seu "estar no mundo", sua posição é mais dada que apropriada. A tarefa do adolescente, pelo contrário, consiste em conquistar e atribuir-se um novo lugar, a partir do qual poderá desenvolver-se como pessoa. Esse novo lugar não deve ser simplesmente reconhecido pelos outros, concedido ou dado; deve ser um lugar descoberto e apropriado pelo próprio indivíduo. Implica estar consciente de si mesmo como sujeito de sua atividade e fonte da qual flui o que lhe é próprio. O "si mesmo" é o centro das iniciativas, e não apenas um lugar atribuído ou de impacto dos estímulos sociais.

O desenvolvimento da identidade pessoal é um processo lento e gradual que começa na concepção e implica um auto-conhecimento. O sujeito está consciente, até certo ponto, de si e de suas possibilidades e capacidades; porém o mais próprio e íntimo de sua pessoa lhe é desconhecido, e só se revelará com o tempo, no decorrer dos ciclos vitais.

Erik H. Erikson¹³ denomina "integridade" a continuidade que o ser humano persegue durante todo seu ciclo vital. Para esse autor, o processo da identidade consiste em uma configuração gradual que integra as qualidades herdadas, as necessidades pulsionais, as habilidades e capacidades, as significações representativas, as defesas e sublimações eficazes e os papéis consistentes que se estabelecem desde a infância por meio de sucessivas sínteses do ego. A identidade refere-se à consistência que caracteriza um indivíduo, apesar das mudanças que ocorrem no tempo, à medida que ele avança pelos diferentes papéis que desempenha na vida.

A formação da identidade na adolescência realiza-se a partir das identificações anteriores, infantis, que se integram a outras. As identificações com os pais mantêm seu significado, embora sejam acrescentadas a elas identificações com figuras ideais, com amigos e companheiros e até mesmo com inimigos (identificação com o agressor temido).

Theodore Lidz¹⁴ afirma, a esse respeito, que a formação da identidade implica não só estabelecer identificações com pessoas, mas também com grupos, e é exatamente na adolescência que estas últimas adquirem significado. Assim, as identificações com grupos religiosos ou políticos, com determinada classe social ou subcultura, entre outras, somam-se à identificação com a família como unidade com suas normas e costumes.

¹³ ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

¹⁴ LIDZ, Th. *Pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto, Alegre, Artes Médicas, 1983.

A desorientação própria do adolescente está ligada à busca de modelos e a seu processo de identidade. O jovem, que não é criança, mas também não é adulto, pretende ser o que ainda não é e não admite ser o que ainda é.

Na perspectiva psicanalítica, faz-se menção à ausência de uma diferenciação clara entre a identificação e a escolha de objeto nessa etapa, em especial na adolescência inicial e média. O jovem idolatra, apaixona-se ou se enamora de uma determinada pessoa à qual deseja assemelhar-se. Não procura no outro alguém com quem se completar e construir conjuntamente a existência, dando e recebendo. Na relação com o outro predomina, assim, a busca de si mesmo. As fantasias narcisistas envolvem suas aspirações, sentimentos e vínculos. No namoro não predominam a preocupação com o outro, o cuidado do outro, o desejo de estar atento ao outro e de conhecê-lo melhor para amá-lo; o outro, como papel especular materno durante a infância, converte-se em um espelho no qual o adolescente aprende a conhecer-se; permite provar e confirmar a sua identidade, como é e age como homem ou mulher.

O "outro" também é alguém para exibir e obter a valorização social correspondente. Segundo Stendhal (1783-1842),¹⁵ quando se enamora, os valores que o amante deseja ver no amado são algo que ele mesmo produz por uma espécie de autodeslumbramento; refletem o que ele desejaria ter. É uma glorificação do amado, uma superestimativa do verdadeiro amor daquele. Se colocarmos um ramo seco sem folhas em água salgada e o tirarmos depois de alguns meses, veremos uma grande modificação: o ramo seco e árido cobriu-se de inúmeros cristais brilhantes que, expostos ao sol, produzem efeito deslumbrante. É assim que o amante constrói, sobre a verdadeira figura do amado, qualidades e valores — metaforicamente: cristais — que este não possui.

¹⁵ STENDHAL. *Do amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

O adolescente enamora-se de certas qualidades muitas vezes superficiais, como a figura, a voz, as mãos, ou de algum bem significativo, como uma moto ou um carro. O namoro deixa-o cego para os defeitos do outro, pois o que o deslumbra são as qualidades que projeta no outro. Vai se conhecendo de forma progressiva, assume a sua identidade pessoal e considera o outro em maior medida, de maneira que possa, então, alcançar o vínculo de amor e de intimidade. Por outro lado, quando ama, não ama no outro qualidades; ama-o na unidade insubstituível de seu ser, em função de suas possibilidades, talvez desconhecidas ainda para o amado. É por meio desse ato de amor que poderá descobrir as próprias qualidades e encontrar, nesse vínculo com o amante, a coragem e a força para conquistá-las.

A busca da identidade e de modelos de identificação envolve também outras vicissitudes. Às vezes, o indivíduo recorre a algumas alternativas transitórias e instrumentais nesse difícil caminho, que são verdadeiras estações intermediárias no crescimento.

Joel Zac,¹⁶ por exemplo, descreve a identificação maciça cruzada entre os membros de um grupo e acrescenta que isso é muito freqüente nos grupos de adolescentes. Zac explica a uniformidade no vestir, falar ou gesticular desses grupos por meio do mecanismo de identificação maciça cruzada. Esse comportamento supõe a fantasia comum entre os membros do grupo de que "é preferível dissolver minha identidade pessoal na identidade grupal do que não ter identidade alguma" ou "entre todos podemos construir pelo menos uma identidade". O adolescente recorre à busca de uniformidade como comportamento defensivo, porque o grupo pode dar-lhe segurança e estima pessoal, por meio da ampliação da tendência grupal e do espírito de grupo ao qual ele mostra-se tão afeito. Esse processo pode ser

¹⁶ ZAC, J. *Psicopatía*. Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1973.

tão intenso que parece impossível separar o adolescente do grupo e dá a impressão de que o indivíduo pertence mais ao grupo de seus pares do que ao grupo familiar, pois se inclina a seus modismos, costumes e regras, e rebela-se ou recusa o que vem de sua família, adiando também, com esses comportamentos, o individual, o singular.

O adolescente transfere, em grande medida, para o grupo de pares, a dependência que tinha em relação aos pais; nesse sentido, o novo grupo lhe serve para separar-se do grupo anterior e alcançar sua total individuação.

Há casos em que a necessidade de adquirir uma identidade segue um curso patológico, porque o jovem não encontra identificações positivas em seu meio familiar e social. Erik Erikson denomina "identidade negativa" a escolha do adolescente que, ao não encontrar em seus pais ou em seu meio social figuras claras e positivas para identificar-se (como, por exemplo, caso o pai seja uma figura fraca e a mãe muito repulsiva), recorre a figuras negativas, embora definidas, de seu meio, as quais idealiza. Nesse sentido, um ladrão pode transformar-se em um ideal ou modelo pessoal a imitar, já que, através da idealização, o adolescente atribui-lhe valor, coragem e capacidade de arriscar a vida permanentemente. Nos grupos ou gangues de delinquentes juvenis, esse tipo de identificação negativa é freqüente. A lógica subjacente pode ser expressa da seguinte forma: "É preferível ser alguém, ser um membro de um bando, ser um 'mau', a não ser ninguém".

Outras vezes, também no terreno do anormal, o adolescente sente-se muito agredido e considera que a única possibilidade é responder também com agressão. Identifica-se com o agressor temido e então começa a realizar suas fantasias agressivas. É preciso assinalar que, em toda busca normal de identidade, a tomada de consciência de ser alguém diferenciado dos demais favorece a tendência de impor-se e o afã de domínio; a auto-afirmação pessoal é acompanhada com freqüência de comportamentos agressivos.

Para Octavio Fernández Mouján, são as perdas e lutos infantis que desencadeiam a crise de identidade que produz confusão, ruptura dos limites de si mesmo e levam a pseudo-identidades e identificações maciças. A perda e a confusão posterior são seguidas do desapego, que, para esse autor, é o fundamento da identidade da pessoa. Sobre isso, afirma que "na adolescência, a perda das relações de exterioridade provocam um incremento da interioridade, no qual o ego não busca apenas identificar-se com 'objetos' internos, mas também 'desidentificar-se', revelando um vazio ou espaço interior que não pode ser dissociado e projetado de forma identificatória (o irredutível, a pessoa). Esse 'vazio' é o núcleo intangível da nova identidade".¹⁷

A descoberta da interioridade manifestada pelo isolamento ou pela pouca comunicabilidade do adolescente não é patológica; constitui o sinal de evolução progressiva normal. A aceitação da interioridade leva o adolescente a desapegar-se do mundo, o que não significa necessariamente rejeição, e sim um afastamento que lhe permite reconciliar-se de forma mais livre com as coisas e com o seu corpo.

É importante destacar que a elaboração da identidade pessoal implica conseguir um equilíbrio entre a tendência a diferenciar-se, discriminar-se, separar-se dos demais (desapego), e a tendência a ser aceito, a assemelhar-se, a igualar-se aos outros. O desapego e o recolhimento interior facilitam a discriminação e envolvem o risco de isolar o adolescente ou privá-lo de afetividade. A imersão no grupo, a fuga para a exterioridade e para a uniformidade, com suas vivências abissais de uma identidade transindividual, dão ao adolescente um forte sentimento de pertença e permitem-lhe experimentar novos papéis, mas envolvem o risco de esvaziá-lo, de levá-lo a dissolver-se como pessoa e a escravizar-se a modas impostas pelo

¹⁷ FERNÁNDEZ MOUJÁN, O. *La identidad y lo mítico, en la adolescencia, la familia y los grupos*. Buenos Aires, Kargemian, 1979. p. 39.

grupo. Em vez de adaptar a moda ao particular, com o esforço que isso implica, o adolescente pode optar pela imitação, e não pela recriação.

O grupo e a cultura adolescentes são úteis porque proporcionam normas, que dão ao adolescente uma orientação considerável e um meio que lhe oferece sentimentos suficientes de pertença para poder desligar-se dos laços familiares.

Finalmente, não podemos compreender a problemática da busca da identidade por parte do adolescente sem considerar uma característica típica dessa idade, que está estreitamente ligada a essa busca: a rebeldia.

Com o despertar da personalidade, o adolescente toma consciência de ser alguém diferente dos demais, e o afã de auto-afirmação e diferenciação leva-o em inúmeras oportunidades a rebelar-se contra a autoridade e a desconfiar do que os outros dizem, especialmente os pais, por serem representantes do mundo adulto.

Durante a infância, a criança com freqüência é desobediente, mas age assim para rejeitar algo de que não gosta ou porque não lhe agrada o que tem a fazer, e não pelo fato de ser mandada. Na adolescência, tem início a rebeldia propriamente dita, que leva o jovem a questionar a idéia de subordinação, componente da noção de obediência. Por isso, não lhe importa tanto o conteúdo da ordem, mas o vínculo que tem com a pessoa de quem a ordem partiu. Desse modo, o tom de voz ou os gestos que acompanham as palavras da mensagem passam a ter grande importância, deixando de ser fundo para transformar-se em figura. O ponto extremo dessa atitude está na inibição dos comportamentos desejados pelo adolescente quando estes são ordenados por um adulto.

O momento mais agudo da rebeldia adolescente ocorre entre os 14 e os 17 anos. As respostas impertinentes, as atitudes negativistas e de resistência tornam-se comuns. Em um primeiro momento, a rebeldia é de caráter intrafamiliar, e é a mais freqüente. Os pais são o primeiro alvo dessa atitude; posterior-

mente são escolhidos outros representantes do mundo adulto em geral. A rebeldia extrafamiliar mantém-se geralmente na adolescência tardia e na juventude, dirigindo-se, por exemplo, contra as estruturas sociais, os costumes tradicionais e os valores.

Separar-se dos pais para incorporar-se ao mundo adulto exige um certo grau de questionamento da autoridade paterna. Não é possível desligar-se de uma tutela antiga e longa se esta for considerada altamente satisfatória. A rebeldia tem por finalidade fazer com que o adolescente deixe de ser considerado criança e que o ajudem a separar-se. Ele destaca os aspectos negativos da imagem e do vínculo com os pais para poder, assim, afastar-se deles sem sentir culpa de deixar algo valioso. À medida que, por meio da crítica, o adolescente retira importância e significado das imagens parentais, ou à medida que expressa a percepção dos aspectos negativos ou menos desenvolvidos dos pais, ele poderá identificar-se com um ego mais de acordo com seus limites, com suas possibilidades, e deixará de lado a imagem onipotente paterna e narcisista. Assim, o novo ideal possibilita a diminuição do sentimento de culpa, pois, por ser mais adequado, terá maiores possibilidades de ser atingido.

Utilizamos aqui o termo "culpa" não em sua acepção de resultante da transgressão de uma norma que pode ser moderada por um ato de reparação, mas no sentido de "culpa vital", resultante de se atingir ou não o ideal do ego. Esse sentimento adquire grande importância nas crises existenciais, nos momentos de avaliação de nossos atos, ou seja: quando fazemos um balanço do "ativo" e do "passivo" de nossa vida.

A experiência de separação não é um elemento novo na história individual do adolescente, já que foi separado da mãe ao nascer, foi desmamado no decorrer do primeiro ano de vida e mais tarde deixou o lar para frequentar o jardim-de-infância. Porém, não é por não ser nova que a experiência deixa de ser dramática. Na adolescência, o processo de separações sucessivas e marcadas no seio familiar chega ao auge e deve levar o indivíduo a alcançar a sua plena auto-afirmação.

No conflito de auto-afirmação e independência, a rebeldia adolescente não significa necessariamente violência, embora muitas vezes esta ocorra. Não é ruptura definitiva com os pais e com os outros, como o adolescente demonstra em seu discurso manifesto. A ruptura decorre da necessidade de alcançar uma posição de maior simetria, com o reconhecimento por parte dos pais do espaço adulto atingido pelo jovem. Há uma perda, uma separação dos pais, mas há também uma experiência complementar de reencontro quando o processo evolutivo é elaborado de forma saudável. Por isso, a rebeldia tende a perpetuar-se quando a dependência infantil com relação aos pais permanece. Rebeldia e dependência são duas faces do mesmo processo. Com a autonomia pessoal, cessa a rebeldia interior.

A rebeldia extrafamiliar alcançou grande intensidade hoje, e não acontece porque os adolescentes são diferentes, mas porque nossa sociedade está em um processo vertiginoso de mudança. Essa rebeldia é uma resposta à incapacidade social de incorporar as novas gerações no trabalho produtivo e na participação na construção da comunidade. Além disso, as gerações adultas estão em processo de crise de valores, o que as impede de se transformar em modelos de identificação claros para os adolescentes.

Marino Yela¹⁸ distingue quatro tipos de rebeldia juvenil:

1. *Rebeldia regressiva*: é gerada pelo medo de agir, de assumir novas responsabilidades e leva o adolescente a fechar-se, a encerrar-se em si mesmo. Nesse refúgio, ele pretende retornar à vida infantil, mais despreocupada e sem responsabilidades. É a rebeldia muda e passiva do adolescente assustado, temeroso.

¹⁸ YELA, M. Juventud y rebeldia. In: *Anuario de los Colegios San Estanislao de Kotska*, 1968. p. 64.

2. *Rebeldia agressiva*: é a expressão violenta da rebeldia. A autoafirmação pela violência é sintoma de insegurança, própria de quem, por fraqueza e debilidade do ego, não suporta as crises e as dificuldades do cotidiano, e tenta aliviar seus problemas causando danos e sofrimento a outros. Quem se debate em um conflito interno sem meios para resolvê-lo tem necessidade de explodir, de romper. A separação dos pais é vista como uma ruptura definitiva e total. A ruptura é vivida como necessidade de destruir para não ser destruído. É a rebeldia do adolescente débil, frágil e inseguro, que veste a "couraça" da onipotência e toma a "espada" da violência para poder ser alguém.
3. *Rebeldia transgressiva*: consiste em ir contra as normas sociais, em questioná-las. É uma rebeldia extrafamiliar que, com um disfarce crítico, leva ao pior dos conformismos e ao ceticismo relativista. Baseia-se no pressuposto de que não existe ordem no mundo e na perda do sentido da hierarquia e harmonia das coisas, levando à prepotência de elaborar, inventar e impor uma ordem à própria imagem e conveniência. Como consequência, os adolescentes pretendem desenvolver-se negando e destruindo todo o anterior, todo o dado. Ignoram que só se pode crescer a partir das próprias raízes. Vale lembrar que se difunde, hoje, uma cultura de desenraizamento, que tende a destruir a memória da sociedade, suas tradições e suas crenças. Acontece que, uma vez produzido o vazio, sem passado nem raízes, o adolescente ficará à mercê das modas impostas pelos meios de comunicação. Em geral, não têm nada de novo e transformam o adolescente em um verdadeiro conformista social, facilmente manipulável. A pretensa rebeldia, então, transforma-se no pior tipo de submissão, em uma verdadeira escravidão.
4. *Rebeldia progressiva*: é a forma de expressão positiva da rebeldia adolescente, a que ajuda a crescer e a superar as crises desse período. É sinal de que a pessoa se atreve a viver e quer viver com dignidade; significa aceitar a realidade, mas não as injustiças, tentando aperfeiçoar as normas sociais com o compromisso responsável.

A rebeldia progressiva representa uma possibilidade, expressa a inserção ativa totalizadora, diferentemente da rebeldia que cobra e questiona o mundo adulto. É produto da tomada de consciência de que é preciso uma atitude de busca ativa para se conseguir um lugar no mundo.

Vejamos agora quais são as atitudes paternas que aumentam as formas indesejadas de rebeldia.

1. Muitos pais negam, não admitem o desenvolvimento de seus filhos. Queriam que a infância deles se prolongasse indefinidamente. Admitir o crescimento dos filhos faz com que esses pais de algum modo aceitem que vão perdê-los como crianças. Rivalizam com os amigos, namorados e novos vínculos dos filhos e sentem ciúme deles porque em suas fantasias representam ladrões furtivos dos afetos. Além disso, significa aceitar que envelheceram e devem buscar novas metas de vida conjugal e familiar. É como se, ao terminar, o período de criação que absorveu tanto tempo e dedicação dos pais deixasse neles um vazio de sentido, uma falta de objetivos para ir em frente. Em vez de definir uma nova missão, refugiam-se no passado. E o que em uma fase da infância foi proteção transforma-se agora em superproteção.

Os pais querem ser imprescindíveis, não aceitam a separação do filho, não confiam nas decisões deles, em seus critérios para agir. Decidem por eles e resolvem os problemas deles mais para negar sua autonomia do que para ajudá-los.

A atitude paterna negadora do desenvolvimento do adolescente com atitudes "sufocantes", de "afogar" o outro, promove a rebeldia agressiva na maioria dos casos. Em menor medida, encontramos adolescentes que adotam uma rebeldia regressiva e são bem-vistos pelos pais, embora não façam mais do que adiar e aumentar seu conflito.

2. Há pais que fazem uso arbitrário, abusivo, de sua autoridade. Para justificar suas ordens e atitudes, recorrem sempre ao aforismo "porque sou seu pai (ou mãe)". Como os pais anteriores, negam, de certa forma, que o filho cresceu. Esses pais

dão ordens sem considerar a idade e a evolução do filho. À medida que o filho cresce, é preciso que lhe sejam explicadas de forma progressiva e adequada as razões pelas quais deve realizar determinadas atividades e cumprir determinadas exigências. Dessa forma, ele vai assumindo como suas as normas sociais, atuando livremente, e não por coação.

Para esses pais, porém, o filho é uma propriedade particular, uma posse absoluta. Muitas vezes não hesitam em humilhá-lo, censurando-o em público, fazendo comentários ridicularizantes diante dos seus amigos, usando castigos próprios da infância. Esquecem-se de que na família a função da autoridade é, principalmente, educativa.

Os pais têm uma autoridade natural para velar pelo crescimento do filho, representam exemplo dos valores vividos e são seus modelos de ser e de agir. Dessa forma, a autoridade paterna vai aos poucos "desaparecendo", à medida que o adolescente, ao crescer, toma posse de si mesmo e torna-se capaz de assumir as funções delegadas.

3. Hoje, em especial nos setores médios e altos da sociedade, é comum o não-exercício da autoridade paterna. É uma perigosa moda social que nasce do medo ou da insegurança dos pais, mas na maioria dos casos é produto do comodismo e das teorias hedonistas imperantes.

Muitos pais justificam seu não-exercício da autoridade afirmando que, dessa forma, o filho expressa livremente sua rebeldia, o que permite o amadurecimento de seu espírito crítico. Ignoram que não há incompatibilidade entre aceitar a autoridade de uma pessoa e discordar dela, e que a rebeldia é uma rejeição irrefletida que pouco contribui para o desenvolvimento do juízo crítico da realidade.

Distantes dos filhos e prisioneiros de múltiplos trabalhos, o pai e a mãe representam hoje uma imagem muito fraca e desvalorizada pelos adolescentes, que não vêem neles um modelo de identificação claro, forte e seguro.

As ideologias contemporâneas que proclamam a "morte da família" fomentam a horizontalidade nos vínculos familiares com base em uma suposta democratização. Assim, por um lado, promovem a imagem do pai "coordenador" e, por outro, enfraquecem a imagem, o lugar e o papel da mãe na família, enfatizando seus direitos e encobrindo a ausência daí decorrente. Justifica-se, assim, a evasão do cuidado amoroso dos filhos e do lar, e repassa-se a responsabilidade dos pais para o Estado, para a escola privada ou para algum familiar próximo. Isso, porém, até agora só engendrou confusão, desunião, frustração e culpa.

Em função da participação mais ativa da mulher na vida social, econômica, política e cultural, é diminuída a participação dela na criação e cuidado da vida concreta, que é seu filho, da alegria e trabalho incontestáveis de formar pessoas. Muitos pais justificam a escassez do tempo partilhado argumentando a qualidade deste. Embora na infância tanto quantidade quanto qualidade sejam importantes, também na adolescência é preciso um trato cuidadoso e afetivo, além de um tempo suficiente para que a intimidade adolescente possa abrir-se.

A rebelião dos pais é mais perigosa que a dos adolescentes e promove, entre outras coisas, a passagem da rebeldia juvenil natural para a de expressão violenta.

A educação dos filhos cabe primariamente aos pais, pois a família, como toda a sociedade, necessita de um governo e de uma autoridade para dirigir seus membros para os fins da instituição familiar.

Aos pais de adolescentes cabe continuar ajudando na aquisição da liberdade, dando aos filhos uma orientação e valorização realista das coisas e fornecendo-lhes os elementos necessários para a escolha de seu futuro e de seu projeto de vida.

A autoridade dos pais é uma ajuda necessária e imprescindível para os filhos nesses momentos. Essa autoridade exige uma obediência inteligente e ativa, e não simples subordinação. É importante que os pais possam valorizar em justa medida o desejo de liberdade, de afirmação pessoal, de viver, que está

implícito na rebeldia adolescente. Para isso, é fundamental que os pais, como seres adultos e amadurecidos, tenham conquistado sua plenitude nos campos pessoal, profissional e transcendental. Essa plenitude reforça o papel dos pais e é ao mesmo tempo enriquecida por esse papel.

BUSCA DO SENTIDO DA VIDA NO ÂMBITO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

A adolescência é um período de busca. Theodore Lidz¹⁹ afirma que há uma “busca interna para descobrir o que é, uma exploração exterior para encontrar seu lugar na vida e uma busca em um ‘você’ para atingir a intimidade e poder completar-se”.

Na seção anterior, seguindo Octavio Fernández Mouján, consideramos a identidade infantil perdida e as novas necessidades psicológicas que levam a pessoa a elaborar uma “nova” identidade e a preencher o “vazio” provocado pelas perdas infantis. Esse vazio interior gera o desejo de indagar sobre o sentido da vida. Outras vezes, as modas culturais manipuladoras dos jovens convertem esse vazio interior em ressentimento e desespero.

Descobrir o sentido da vida, encontrar o sentido profundo da realidade, não é tarefa fácil para o adolescente contemporâneo, para o qual a dificuldade representada pelas modas culturais que imperam, pretendendo atribuir a ele um papel passivo e uma visão superficial e hedonista das coisas, somam-se os impedimentos próprios de sua idade e a necessidade de se esforçar de modo pessoal.

As mensagens que o adolescente recebe promovem nele uma sede de excitações, de vivências, de “vibrações”, uma ânsia de ser sacudido e impactado. Costuma-se favorecer a vee-

¹⁹ Lidz, T. *Pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

mência, a irrealidade afetiva e o extravasamento das paixões. O outro interessa como produtor de estados de humor e de ânimo, não como pessoa. Viver é “vibrar” por uma paixão. Interessa a vivência própria, não o outro: “Se me dou bem, o resto que se dane”; “Se gosto disso, está certo fazê-lo”; “O que não sinto não existe para mim”. Essas mensagens culturais dificultam tanto a descoberta do sentido profundo das coisas e das pessoas quanto a adequação dos aspectos flutuantes do adolescente em relação à verdade, a amar o que é digno de ser amado.

Hoje jovens estão mais bem informados do que em qualquer outra época, fato que é muito positivo. No entanto, os meios de comunicação, e em especial a publicidade, utilizam de forma negativa os pontos vulneráveis da personalidade do adolescente, como os desejos de evasão, a sugestionabilidade, o pouco controle emotivo, a impulsividade, a tendência a querer tudo de imediato e a fantasiar, entre outros. A imensa quantidade de informações e a falta de elaboração adequada, assim como o excesso de imagens apresentadas, não contribuem para um conhecimento profundo, pois alteram a capacidade de concentração do adolescente e facilitam a sua evasão.

O caminho da evasão decorre da necessidade de escapar do mundo real e refugiar-se em um mundo imaginário, sem os problemas da vida cotidiana. Assim, a subcultura dos usuários de drogas insere-se nessa modalidade de evasão, embora modalidades menos patológicas sejam mais frequentes.

A sociedade deve oferecer um lugar aos adolescentes, de forma que eles possam criar seu próprio mundo, no qual a família, a escola e os meios de comunicação tenham o papel de orientar, embora respeitando a liberdade e o momento de transição que eles atravessam. Muitas vezes, os agentes educacionais esquecem-se de que estão diante de um ser humano, que além do mais é adolescente, e oprimem-na com seu poder.

A cultura adolescente deve proporcionar ao jovem normas que lhe ofereçam uma orientação e um meio para desenvolver seus sentimentos de pertença grupal, de forma a separar-se psicologicamente da família e conquistar sua auto-afirmação.

A existência de uma cultura adolescente não significa que esta, necessariamente, tenha uma orientação antiadulta ou promova a separação entre as gerações. É lógico que, ao aferrar-se ao grupo de seus pares, o adolescente se atém aos sinais exteriores que expressam sua qualidade de membro. A roupa, os modismos da linguagem, o tipo de saudação e trato com o outro, por exemplo, transformam-se em sinais de identificação. Porém, diferenciar-se não quer dizer necessariamente confrontar-se ou opor-se totalmente. A cultura adolescente deve ser um meio para a busca do sentido da vida e a elaboração pessoal do plano de vida, uma ponte entre o mundo infantil e o adulto que facilite a separação dos pais e permita a inserção com êxito na comunidade.

O adolescente muitas vezes está no lugar de onde se reclama liberdade e os pais, naquele de onde ela é negada ou dada de forma indiscriminada.

Ao falarmos da separação entre o adolescente e a família, da auto-afirmação, da necessidade que ele sente de respeito, da possibilidade de que seja manipulado, todas essas possibilidades, todas essas oposições colocam-no diante da alternativa "autonomia ou independência", embora consideremos que "autonomia" não signifique total emancipação.

O sujeito é autônomo quando se apropria de seus atos, quando sente a si mesmo como raiz e fonte de suas decisões e comportamentos, mas principalmente quando vivencia a si mesmo como um ser interdependente. Ou seja, quando o ser humano sabe que existe com e diante de um "você", os "outros" o habitam como modelos de identificação. Paralelamente, o ser humano precisa do olhar e da carícia do outro; o outro é espelho; o outro lhe dá a possibilidade de expressão. É dessa forma que entendemos a interdependência ou a livre-dependência, a "dependência adulta".

Em seu contexto sociocultural, o adolescente deve elaborar seu plano de vida, que significa construir a partir do que já é (situação particular atual) para poder atingir o que quer ser (pleni-

tude ou amadurecimento), o que faz supor que ele busque caminhos para formar-se e aperfeiçoar-se.

O plano de vida supõe, por parte do adolescente:

1. Auto-conhecimento e auto-aceitação (vou ser eu mesmo)

Optar por algo supõe sempre algo dado; não há liberdade humana absoluta.

Primeiro é preciso aceitar ser quem é. Conhecer e aceitar as próprias qualidades, limites e defeitos, assim como o meio cultural e o momento histórico em que se encontra.

A aceitação de si mesmo não significa conformismo nem renúncia ao anseio de perfeição, mas sim o abandono das "falsas perfeições", das "falsas personalidades". É renunciar à falsa auto-afirmação, que parte de ilusões ou personagens idealizados.

2. Desejo de realizar-se (quero chegar a viver em plenitude)

O anseio por afirmar a si mesmo começa com algo difuso: a pessoa quer ser algo, mas não sabe o que nem como alcançar a sua plenitude.

Tem a tarefa de assenhorear-se de si, tomar o destino nas próprias mãos, o que significa às vezes enfrentar a si mesmo e ao mundo, atingir uma ordem interior e disciplinar-se.

Deve impor limites ao espontâneo e saber controlar-se. A vivência da liberdade como potência expansiva e a sua impaciência dificultam essa tarefa.

3. Escolha e confronto.

A vida do adolescente é uma escolha incessante entre diversas possibilidades. Escolher um estilo de vida significa sacrificar outros. O conflito de projetos alternativos em jogo deixa o adolescente ansioso: toma consciência de que é impossível fugir da responsabilidade de dar uma orientação à própria vida

e de que o fato de não escolher também representa uma escolha. O ser humano não é predeterminado; deve escolher no contexto de suas possibilidades, de seu momento histórico.

Enfrentar significa ser ele mesmo com os outros, encarar os problemas universais como se fossem próprios, reconhecer que necessita de outros seres. Enfrentar significa integrar-se à comunidade para realizar o plano de vida escolhido. Assim, é co-escolher, pois uma escolha ultrapassa os limites individuais e afeta a vida de outras pessoas. Escolher deve levar a sustentar, a enfrentar as consequências. E escolher é uma possibilidade, é um esquema a ser adaptado e completado no confronto diário.

A escolha profissional-ocupacional

A escolha de uma carreira ou profissão é vital para o adolescente. Pela primeira vez, deve tomar uma decisão pessoal em relação aos problemas mais importantes para a existência: o da profissão ou ocupação. Essa escolha exige o conhecimento das próprias atitudes, interesses e valores, das características de personalidade, possibilidades e limites. Na escolha profissional-ocupacional deve ser levado em consideração o plano ou estilo de vida escolhido, além das características da ocupação ou profissão a ser desempenhada e a sua demanda social. A influência de pais e amigos é positiva quando orienta e oferece modelos profissionais ou ocupacionais sem exercer pressões.

Escolhas rápidas e superficiais costumam ser frequentes no caso daqueles que não suportam a confusão e as dúvidas de todo o processo de escolha vocacional e também no daqueles que reconhecem ser este um tempo de espera e aceitam as pressões exteriores para escolher com rapidez. O êxito ou fracasso dessa escolha afeta profundamente o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, além de repercutir na sociedade à qual ele pertence. A pessoa insatisfeita no plano ocupacional-profissional realiza mal a sua tarefa, rende menos e impede o desempenho de outras. Seu problema também se projeta no entorno familiar e social em que vive.

Com o desenvolvimento das sociedades, a escolha profissional tornou-se mais complexa, pois os estudos e as ocupações possíveis multiplicaram-se a tal ponto que a informação a seu respeito exige guias e manuais muito extensos. Por isso, a orientação vocacional não pode ser reduzida à aplicação de provas ou testes psicométricos e de interesses, com a posterior discussão com o adolescente. É um processo longo, que exige a função orientadora por parte de pais, docentes e amigos, e tem início na infância, com os jogos, *hobbies*, estudos extra-escolares que prenunciam a escolha posterior. Deve ser um processo integrado e vinculado ao próprio processo educativo. O especialista em orientação vocacional pode ser útil para assessorar os docentes e o jovem nos casos em que a orientação oferecida pelos pais e professores não for suficiente.

A escolha ocupacional-profissional é um dos elementos que devem ser levados em consideração, juntamente com o sentido da vida escolhido, ao se pensar sobre o plano de vida ou projeto vital, ou escolher livremente a vocação. Esta deve ser entendida como uma tomada de consciência do valor mais alto ao qual o sujeito pode aspirar, valor que lhe é descoberto por um "outro", cuja função é ser "mediador" e "modelo"; valor que escolhe livremente como o caminho para encontrar sua felicidade.²⁰ Esse conceito será desenvolvido mais adiante, no capítulo VIII.

O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL NA ADOLESCÊNCIA

Apesar dos numerosos trabalhos sobre a vida social e afetiva do adolescente, pouco se aprofundou o estudo sobre o pensamento próprio desse período. No entanto, é na adolescência que o ser humano adquire a capacidade de pensar e de raciocinar

²⁰ MANDRIONI, H. *La vocación del hombre*. Buenos Aires, Guadalupe, 1964.

além dos limites do próprio mundo e das realidades próximas. A criança transforma-se em uma pessoa cujo pensamento ultrapassa o presente e torna-se capaz de elaborar teorias acerca de tudo. Das adaptações mais simples ao real e ao tempo presente da época infantil, passa a orientar seus interesses para o futuro, para os grandes ideais a serem atingidos e para as hipóteses a serem elaboradas; assim, começa a poder explicar o que é o mundo, o que é a própria pessoa, o que é o Absoluto. Dessa forma, reedita as grandes perguntas que a humanidade se fez desde sempre.

A criança escolar pensa em um problema depois do outro, à medida que vão sendo apresentados pela realidade, sem uma teoria geral que relacione as soluções. Diferentemente da criança, o adolescente constrói sistemas e teorias. Desenvolve o que Jean Piaget (1896-1980) chamou de "poder dedutivo da inteligência". Centra sua atenção tanto em questões amplas quanto em pequenos detalhes, pois agora é capaz de distinguir variáveis e combinações de variáveis, o que até esse momento não podia fazer através da observação direta. Seu meio ambiente adquire, agora, muitos matizes novos.

O pensamento do adolescente torna-se independente, de certo modo, da representação e das imagens. Passa a operar com diversos conceitos abstratos cujo conteúdo não é representável de forma concreta. O conteúdo dos conceitos perde importância diante da valorização do aspecto formal, na obtenção das conclusões. Já não precisa comprovar uma conclusão partindo de uma situação real ou representada; é capaz de obter autênticas conseqüências lógicas a partir do conhecimento da necessidade lógica, que possui uma relação de juízos formulada ou aceita.

Essas conquistas do pensamento possibilitam ao adolescente não só uma expressão oral e escrita mais coerente e lógica, como também um grau de maturidade adequado para novos aprendizados, como, por exemplo, o da álgebra.

O poder dedutivo da inteligência humana é um meio de generalização e diferenciação, que permite ao adolescente estabelecer relações lógicas entre totalidades contraditórias e apa-

rentemente desvinculadas. Quando criança, deduzia relações sobre a base da proximidade, da justaposição ou da transdução.²¹ Agora, como adolescente, tem, como instrumento, a dedução lógica e as formulações proposicionais que permitem formar novos conceitos e desenvolver conceitos de conceitos.

Na adolescência, o ser humano aprende a refletir, ou seja, a pensar sobre o pensamento, a efetuar operações com operações. A lógica proposicional que passa a usar constitui, de certo modo, um sistema de operações elevado ao quadrado, dado que os termos das proposições são operações de classificação ou relações. A estrutura interproposicional supõe novas operações, operações de operações, como, por exemplo, as implicações e disjunções, que explicaremos logo mais.

Piaget sintetiza as características do pensamento formal, próprio do período da adolescência, ao afirmar que constitui uma reflexão da inteligência sobre si mesma (a lógica das proposições constitui um sistema operatório à segunda potência, que opera sobre proposições cuja verdade depende de operações de classes, relações ou números) e uma inversão de relações entre o possível e o real (o real que se insere como setor particular dentro do conjunto das combinações possíveis).²²

Operações lógico-formais ou hipotético-dedutivas

Para Piaget, o desenvolvimento das operações lógico-formais ou hipotético-dedutivas inicia-se a partir dos 11 ou 12 anos e termina por volta dos 13 ou 14. Nesse período, o ser humano efetua a última descentração fundamental, o que lhe permite desprender-se do concreto e situar o real em um conjunto de transformações possíveis.

²¹ Cf. "Inteligência pré-operatória", no t. 1 desta obra, pp. 195-200.

²² PIAGET, J. & INHELDER, B. *De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent: essai sur la construction des structures opératoires formelles*. Paris, Press Universitaires de France, 1955.

Piaget assinala que as operações formais não acrescentam nada às operações concretas, que já são operatórias, mas apenas as traduzem sobre um novo plano, que é o das suposições ou hipóteses. Com o estabelecimento das operações formais, a criança, que raciocinava apenas em relação a objetos concretos, passa a fazê-lo por meio de hipóteses verbais. Pela diferenciação que realiza entre forma e conteúdo, torna-se capaz de raciocinar sobre proposições que considera meras hipóteses ou conjeturas. Ou seja, já é capaz de derivar conseqüências a partir de proposições que se referem a realidades possíveis, o que constitui o princípio do pensamento hipotético-dedutivo ou formal.

A inteligência começa a apoiar-se mais no simbolismo puro e no uso de proposições do que exclusivamente na realidade. As proposições passam a ser relevantes como modos de pensamento, pois as relações adotam a forma de hipóteses de caráter casual e são analisadas pelos efeitos que provocam. A capacidade de elaborar hipóteses e de raciocinar sobre proposições de forma independente da comprovação concreta e atual, distanciando-se dos objetos, permite ao adolescente liberar as relações e as classificações de seus vínculos intuitivos ou concretos.

Além desse desligamento do concreto e da capacidade de raciocinar por meio de enunciados, é preciso lembrar o grau de sistematização que atinge o raciocínio no período da adolescência.

O raciocínio sistemático implica formular todas as hipóteses possíveis sobre os fatores operativos de um fenômeno e em seguida organizar experimentos em função de tais fatores. Esse processo ocorre em função de um conjunto estruturado e todas as deduções fundamentam-se em fatos possíveis — não apenas nos fatos empíricos observados. Em outras palavras, o adolescente não se satisfaz, mais, com os fatos empíricos superficiais e concebe suas observações como ponto de partida ou como prova dentro de um domínio o mais amplo possível. O raciocínio hipotético-dedutivo permite-lhe extrair todas as implicações de possíveis formulações, e não apenas coordenar diversos fatos do mundo real, como na infância. Além dis-

so, possibilita-lhe melhor compreensão da realidade por meio de uma reconstituição hipotético-dedutiva pela qual pode pensar o simultâneo como sucessivo e depois traduzir o sucessivo para o simultâneo.

Na próxima seção, "A combinatória", faremos referência a essa característica de raciocínio sistemático. Depois, vamos considerar a dupla reversibilidade, ou seja, o poder do pensamento formal como capacidade de raciocinar sobre vários sistemas ao mesmo tempo.

A combinatória

Com a liberação da forma em relação ao conteúdo, torna-se possível ao pensamento humano construir qualquer tipo de relações ou de classes (por exemplo, reunindo os elementos de um em um, de dois em dois ou de três em três).

A característica combinatória do raciocínio envolve combinações, permutações, e é uma generalização das operações de classificação e de ordenação. As operações de combinação são de segunda potência: as permutações são seriações de séries e as combinações, multiplicações de multiplicações.

A característica combinatória permite relacionar entre si objetos e fatores, idéias ou proposições, raciocinando em cada caso sobre uma dada realidade, sem considerá-la em seus aspectos concretos e limitados, mas em função de todas as combinações possíveis. Uma única combinação proporciona o conjunto dos possíveis.

A prova de combinações de objetos

Apresentam-se ao sujeito, por exemplo, cinco frascos (A, B, C, D, E) contendo diferentes líquidos incolores e o líquido colorido que se obtém a partir da mescla de alguns deles (por exemplo, A-C-D). A seguir, solicita-se que o indivíduo procure a combinação que torna possível aquela coloração.

Se for uma criança que está no nível operatório concreto, em geral procederá com combinações de dois em dois e depois tentará ver o que acontece se combinar, por exemplo, os líquidos dos cinco frascos de uma só vez.

O indivíduo que estiver por volta dos 11-13 anos procederá de forma metódica, exaustiva e sistemática, efetuando todas as combinações possíveis. Nesse caso, as combinações simples são:

<i>de 2 em 2 frascos (10 combinações)</i>	<i>de 3 em 3 frascos (10 combinações)</i>	<i>de 4 em 4 frascos (5 combinações)</i>	<i>dos 5 frascos (1 combinação)</i>
AB BC CD DE AC BD CE AD BE AE	ABC BCD CDE ABD BCE ABE BDE ACD ACE ADE	ABCD BCDE ABCE ABDE ACDE	ABCDE

São 26 as combinações possíveis, enquanto a combinação correta é uma só: **ACD**.

Assim, mesmo sem conhecer a fórmula das combinações simples, a pessoa entre 11 e 13 anos sabe encontrá-las. Realiza todas as variações possíveis dos elementos (frascos), sem considerar a ordem com que os mescla ou combina, porque não interessa para a obtenção do composto químico.

Combinações de idéias ou hipóteses (combinações proposicionais)

Permitem um raciocínio formal sobre as hipóteses enunciadas verbalmente.

Assim, temos uma forma proposicional (p) e sua negação (\bar{p}), e outra forma proposicional (q) e sua negação (\bar{q}), que podem ser agrupadas de modo multiplicativo, dando lugar a quatro associações multiplicativas e a 16 combinações possíveis.

Uma criança entre 7 e 8 anos pode realizar um agrupamento multiplicativo que não é ainda uma combinatória. Assim, por exemplo, raciocinando sobre o personagem Super-homem e sua atitude justiceira na sociedade, pode estabelecer a implicação que se segue.

Ser Super-homem (p) implica (\supset) *ser justiceiro* (q), porque é Super-homem e é justiceiro ($p.q$). Porém, uma pessoa pode ser justiceira sem ser Super-homem ($\bar{p}.q$), ou não ser nem um nem outro ($\bar{p}.\bar{q}$).

Para uma criança de 7-8 anos, é falso afirmar que Super-homem não é justiceiro ($p.\bar{q}$).

Simbolicamente, podemos representar a implicação por meio desta tabela:

Atribuição de valores		Definição de implicação	Exemplo precedente
p	q	$p \supset q$	
V	V	V	$p.q$
V	F	F	$p.\bar{q}$
F	V	V	$\bar{p}.q$
F	F	V	$\bar{p}.\bar{q}$

V = verdadeiro

F = falso

Entre os 12 e os 15 anos, a pessoa já é capaz de combinar objetos de forma exaustiva e sistemática. Também está apta a confirmar idéias, tanto afirmadas quanto negadas, utilizando, assim, as operações proposicionais que até esse momento lhe eram desconhecidas — por exemplo as operações de disjunção, tanto exclusiva quanto inclusiva, de implicação, bicondicional, de negação alternativa, entre outras. Essas operações proposicionais são definidas pelo espaço lógico. Há 16 funções de verdade diádicas (de duas proposições), pois os dois valores de cada proposição (V = verdadeiro; F = falso), ao combinar-se

com os outros dois da outra, dão 2^2 combinações, e cada uma destas se compõe, por sua vez, com os dois valores possíveis do valor da função.

Utilizamos a seguinte fórmula combinatória geral: $N = m^{(n)}$. O número "N" de funções de verdade pode ser infinito e depende, por um lado, do número "n" de variáveis proposicionais que a função afeta; por outro, do número "m" de valores de verdade que na lógica bivalente é igual a 2 (V, F); e, por último, de um número igual a "m", referente às combinações dos dois valores entre si.

Assim, o espaço lógico para duas proposições (por exemplo: "p", "q") é obtido pela combinatória: $2^{(2^2)} = 16$.

Obteremos, assim, a tabela dessas 16 combinações binárias no espaço lógico:

COMBINAÇÕES PROPOSICIONAIS																	
Funções de verdade entre duas proposições																	
Proposições		COLUNAS (operações)															
p	q	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	F	F	F	F	F	F	F
F	V	V	V	V	V	F	F	F	F	V	V	V	V	F	F	F	F
V	F	V	V	F	F	V	V	F	F	V	V	F	F	V	V	F	F
F	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F
		Taut.	$p \vee q$	$p \supset q$	q	$q \supset p$	p	$p \equiv q$	$p \cdot q$	p / q	$p \vee \bar{q}$	\bar{p}	$\bar{p} \cdot q$	\bar{q}	$p \cdot \bar{q}$	$p \downarrow q$	Contr.

Taut. = Tautologia

Contr. = Contradição

Colunas 1 e 16: a coluna 1 é a tabela de verdade da tautologia (proposição analiticamente verdadeira) e a coluna 16 é a tabela de verdade de sua negação, ou seja, a contradição (proposição analítica falsa). A formação das operações em 1 e o sua negação em 16 não apresentam problemas para o sujeito,

pois a primeira é a afirmação das quatro associações possíveis anteriormente analisadas ($p.q \vee \bar{p}.q \vee p.\bar{q} \vee \bar{p}.\bar{q}$) nos termos das proposições “p” e “q”.

Por exemplo, um sujeito já tem realizadas experiências para classificar varetas de metal flexível ou não e outras, circulares ou não. Assim, já comprovou as quatro associações possíveis no nível concreto, ou seja, os dois caracteres (flexível e circular) encontram-se em parte relacionados entre si e em parte não. A operação adquire um significado proposicional quando ele consegue relacionar as quatro combinações possíveis. Ou, então, o sujeito que deseja saber se um caráter “x” provoca ou não o aparecimento de um caráter “y” ou se é o seu resultado, deduzirá, a partir das quatro associações, que os dois caracteres são independentes, embora compatíveis entre si.

Colunas 2 e 15: a disjunção $p \vee q$ significa que “p” ou “q” são verdadeiras, ou que ambas são verdadeiras. Isso serve para expressar os casos em que um efeito pode ser resultado de duas causas que atuam de forma independente uma da outra ou atuam em conjunto. Sua negação (coluna 15) $\bar{p}.q \vee p.\bar{q}$ (negação conjunta) expressa a ausência simultânea das duas causas.

Colunas 3 e 14: o sujeito utiliza o condicional ou em particular a implicação $p \supset q$, que expressa a combinação $(p.q) \vee (\bar{p}.q) \vee (\bar{p}.\bar{q})$. Como no exemplo anterior, cada causa expressa pela proposição “p” produz um efeito que é expresso por “q”. Porém, “p” não é a única que pode produzir “q”, pois “p” é apenas a condição suficiente e “q”, a condição necessária. O conceito de implicação na lógica de classe operatória concreta corresponde ao de inclusão.

A implicação pode ser expressa de maneiras equivalentes entre si: $p \supset q$; $\bar{p} \vee q$; $\neg (p.\bar{q})$; $p \equiv (p.q)$. O cálculo dessas expressões dá o mesmo produto: $p.q \vee \bar{p}.q \vee \bar{p}.\bar{q}$. Por exemplo, se “p” expressa que uma vareta é fina e “q”, que é flexível, isso equivale à afirmação: “Se é fina, então é flexível”: $(p \supset q)$; “Ou não é fina ou é flexível”: $(\bar{p} \vee q)$; “Não é verdade que seja fina e inflexível ao mesmo tempo”: $\neg (p.\bar{q})$; “Dizer que é fina equivale a

dizer que é fina e flexível”: $p \equiv (p.q)$. Esta última é a forma psicológica mais simples da implicação, pois o sujeito, antes de poder afirmar: “Se a vareta é fina, então é flexível”, deve assegurar-se de que “fino” equivale sempre a “fino e flexível”.

A negação da implicação (coluna 14) é a não-implicação: $\neg (p \supset q)$, que equivale a $p.\bar{q}$. O sujeito utiliza essa fórmula para provar a não-intervenção de um fator possível. Assim, o sujeito afirma: “Não é verdade que, se é uma vareta de aço, grossa, esta seja flexível”, o que equivale a dizer: “Uma vareta de aço é grossa e não é flexível”.

Colunas 4 e 13: aqui se expressa a afirmação de “q” e sua negação “q̄”. A operação “q” equivale a $q.p \vee q.\bar{p}$ e sua negação “q̄” equivale a $\bar{q}.p \vee \bar{q}.\bar{p}$. Essas operações equivalem, assim, a afirmar (ou a negar) que “p” é verdadeira nas duas situações: em que “q” é verdadeira e em que “q” é falsa; isso significa dizer que essas duas operações equivalem a afirmar (ou a negar) que “q” é independente de “p”.

A relação particular de independência relativa, mas não de exclusão, de “q” ou de “q̄” em relação a “p” é importante no pensamento formal, pois estabelece que um fator não intervém ou não é determinante na produção de um fenômeno.

Piaget, com base na experiência a seguir, expressa com sucessivos resultados como o indivíduo alcança as operações proposicionais binárias. O sujeito deve determinar por que uma vara metálica fixada em um disco ao qual se faz rodar detém-se diante de algumas caixas, e não de outras. As primeiras contêm ímãs dissimulados em um bloco de cera. No nível pré-operatório, a criança atribui a parada a fatores como a cor ou o peso das caixas. No nível operatório concreto, consegue eliminar o peso como fator causal e no nível operatório formal chega à independência de “q” (a barra se detém) em relação a “p” (fator cor ou peso).

A partir da combinação $q.p \vee q.\bar{p}$, o sujeito deduz que o aumento de peso não desempenha qualquer papel e a detenção ou não da agulha (p ou \bar{p}) é resultado de outros fatores.

Colunas 5 e 12: são o condicional inverso ou implicação recíproca ($q \supset p$) e sua negação ($\bar{p}.q$). A implicação $q \supset p$ não representa significado diferente ao de $p \supset q$ (coluna 3), porque sempre se pode chamar “q” à proposição “p” e vice-versa. A operação $q \supset p$ tem um significado diferente quando comparada com a operação $p \supset q$. Assim, dois problemas são propostos para o sujeito. Primeiro: se a relação $p \supset q$ é verdadeira, será que $q \supset p$ também o é? Por exemplo, se “p” é “como” e “q”, “engordo”, o sujeito deduzirá que, neste exemplo, só $p \supset q$ é verdadeira (se como, então engordo). Se $q \supset p$ também fosse verdadeira (se engordo, então como), o sujeito deduziria que há uma equivalência proposicional entre p e q (coluna 7).

No segundo problema, o sujeito não pode estabelecer ainda se é verdadeiro afirmar $p \supset q$ ou $q \supset p$. O simples fato de perguntar e captar o significado dessa questão constitui o índice da mobilidade formal do sujeito.

A negação de $q \supset p$, ou seja, de ($\bar{p}.q$), permite as mesmas operações que $p.\bar{q}$ (coluna 14). Vale acrescentar que a reunião das duas não-implicações $p.\bar{q}$ (coluna 14) e $\bar{p}.q$ (coluna 12) constitui uma exclusão recíproca, ou seja, $(p.\bar{q}) \vee (\bar{p}.q)$ (coluna 10).

Colunas 6 e 11: aqui se expressa a afirmação de “p” e sua negação, ou seja “ \bar{p} ”. Essas duas operações apresentam a mesma estrutura que analisamos nas colunas 4 e 13, mas com a substituição de “p” por “q”.

Consideradas isoladamente, essas colunas nada acrescentam ao sistema, mas quando um sujeito as compara com as anteriores, pode inferir estas novas combinações: se “p” e “q” são verdadeiras, ambas e unicamente essas, isso equivale a $p \vee q$ (coluna 2).

Se “p” e “ \bar{q} ” são ambas verdadeiras e apenas estas, deduzirá que $q \supset p$ (coluna 5).

Se “ \bar{p} ” e “q” são ambas verdadeiras e apenas estas, o sujeito inferirá que $p \supset q$ (coluna 3).

Por último, se “ \bar{p} ” e “ \bar{q} ” são ambas verdadeiras e unicamente estas, poderá deduzir que p/q (coluna 9).

Colunas 7 e 10: representam a equivalência ou bicondicional $p \equiv q$ e a sua negação, a disjunção exclusiva ou exclusão recíproca $p \vee q$.

A equivalência proposicional não é uma identidade nem uma igualdade, mas a afirmação de que duas proposições são conjuntamente verdadeiras ou conjuntamente falsas. Do ponto de vista da lógica de classes, tem as propriedades formais da identidade entre os conjuntos. Por exemplo: “Este animal só tem coluna vertebral se (é equivalente a) possuir medula espinhal”. Esse mesmo exemplo também poderia ser enunciado da seguinte forma: “A classe dos animais que possuem coluna vertebral é idêntica à classe dos que possuem medula espinhal”.

Do ponto de vista da lógica de relações, fala-se da equivalência como de uma correspondência biunívoca e recíproca. O sujeito atinge a noção de equivalência quando pode construir a implicação $p \supset q$ e chega a estabelecer que “ q ” não tem outra causa possível além de “ p ”; ou seja, $p \supset q$ (coluna 3) é verdadeira, o que também acontece com $q \supset p$ (coluna 5), o que lhe permite afirmar: $(p \supset q) \cdot (q \supset p) \equiv (p \equiv q)$.

A exclusão recíproca ou disjunção exclusiva $p \vee q$ é a negação da equivalência e corresponde à reunião das duas não implicações $p \cdot \bar{q} \vee \bar{p} \cdot q$ (colunas 14 e 12, respectivamente).

Colunas 8 e 9: representam a conjunção $p \cdot q$ e a incompatibilidade p/q .

A conjunção $p \cdot q$ significa que é verdadeira apenas a associação de “ p ” e “ q ” com exclusão das outras três combinações possíveis. Para chegar a inferir isso, o sujeito terá de investigar essas três possibilidades antes de excluí-las. Porém, quando estabelecer a conjunção de $p \cdot q$, isso adquire o sentido forte da união dos dois enunciados.

A operação inversa da conjunção $p \cdot q$ é a incompatibilidade na qual se expressa que os caracteres denotados “ p ” e “ q ”

jamais estão juntos, um aparece sem o outro ou os dois estão ausentes. Assim, o sujeito, ao responder a uma pergunta sobre seu estado civil, pode assinalar “solteiro” ou “casado”, mas não as duas categorias, porque são incompatíveis, ou outras categorias, como “viúvo” e “separado”.

A dupla reversibilidade.

O grupo das duas reversibilidades

Os dois tipos de reversibilidade (por inversão e por reciprocidade) que já se observava na criança em idade escolar com suas operações concretas, agora se combinam em um sistema único, que Piaget chama de “grupo de quatro transformações”. Temos, assim, a reversibilidade por inversão ou negação (N), característica das estruturas de classificação, e a reversibilidade por reciprocidade (R), própria das estruturas de relação.

A primeira forma de reversibilidade, ou seja, a inversão ou negação, caracteriza-se por ser uma operação inversa, composta pela operação direta correspondente, que leva a uma anulação, ou seja, $+A - A = 0$. A negação é uma conduta primitiva da criança, que pode colocar diante de si um objeto (operação direta) e tirá-lo (inversão ou negação). Quando fala, é capaz de responder “sim” a uma pergunta (operação direta), embora seja também capaz de dizer “não” (inversão). A generalização dessas condutas de inversão caracteriza suas primeiras operações, como, por exemplo, os agrupamentos de classes.

A segunda forma de reversibilidade é a reciprocidade ou assimetria, cujas características são: parte de uma operação, compõe-na com uma recíproca e conclui com uma equivalência. Assim, por exemplo, se a operação de partida consiste em estabelecer uma diferença entre A e B, como $A < B$ (operação de partida), e se a operação recíproca consiste em anular essa diferença ou percorrê-la em sentido contrário, chega-se à equivalência $A = B$. Se $A \leq B$ e $B \geq A$ (recíprocas quanto à operação de partida), então $A = B$ (equivalência).

A reciprocidade é a forma de reversibilidade própria dos agrupamentos de relação, que tem sua fonte em comportamentos nos quais aparecem diferentes formas de simetria, como, por exemplo, as simetrias espaciais, perceptivas ou motoras. Assim, a criança no nível operatório dirá que uma bolinha de massa transformada em salsicha tem mais massa porque é mais comprida, mas, caso esta seja alongada ainda mais, chegará por reciprocidade à idéia de que contém menos, porque é fina.

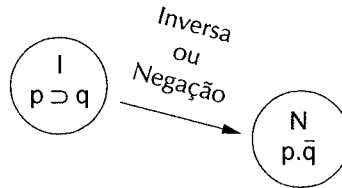
Portanto, a inversão e a reciprocidade fundem suas raízes em estratos muito anteriores à própria função simbólica e são de natureza propriamente sensório-motora. Mas é um novo sistema, que mostra seu caráter de síntese ou de conclusão de todo o processo de formalização, no qual não há uma simples justaposição das inversões ou negações (N) e das reciprocidades (R), mas uma verdadeira fusão operatória, formando um todo único, de tal forma que cada operação será, daí em diante, ao mesmo tempo, a inversa (N) de outra e a recíproca (R) de uma terceira, o que resulta em quatro transformações: direta (I), inversa ou negação (N), recíproca (R) e inversa da recíproca, que é por sua vez a correlativa (C) da primeira.

Transformações comutativas INRC

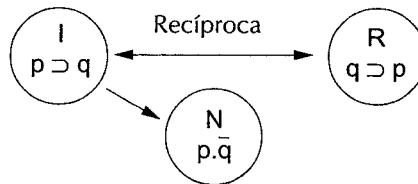
O outro aspecto da estrutura de conjunto característica das operações proposicionais já analisadas anteriormente é o grupo das quatro transformações comutativas INRC. Tomemos como exemplo a implicação $p \supset q$ e proponhamos a um indivíduo de 12-13 anos que tente compreender a relação de fenômenos que não conhece, mas que analise por meio das operações proposicionais novas de que dispõe, e não por tentativas ao acaso.

Suponhamos que o sujeito assista a um certo número de movimentos e de paradas de um corpo móvel, aparentemente acompanhados por uma lâmpada. A primeira hipótese que formará é que a luz é causa das paradas, ou seja, que $p \supset q$. Cha-

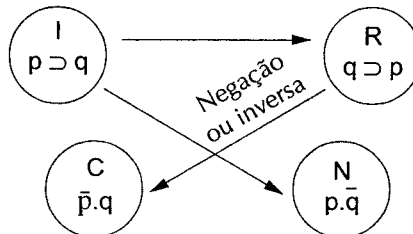
maremos de "I" essa operação direta ou operação de partida. Para controlar essa hipótese só há um método: verificar se existe ou não iluminação sem que se produza a parada do móvel, assim, $p.\bar{q}$ (há luz e o móvel não se detém). Dessa forma, conseguiu-se a operação inversa, ou seja, "N", que é a negação ou a inversa de $p \supset q$.



O sujeito de 12-13 anos, porém, pode ainda se perguntar se a iluminação, em vez de provocar a parada do móvel, é provocada por esta $q \supset p$, que é agora a recíproca de $p \supset q$, a qual chamaremos de "R", que, por sua vez, é a recíproca de "I".

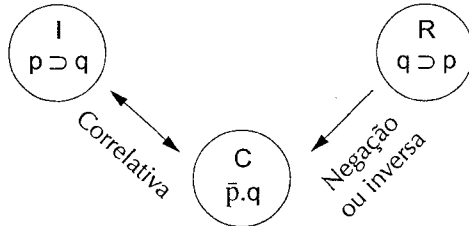


Para controlar a nova hipótese (que a detenção implica a luz: $q \supset p$), o sujeito buscará um contra-exemplo: $\bar{p}.q$ (sem iluminações há paradas). Assim, encontrou a inversa de $q \supset p$ (C).

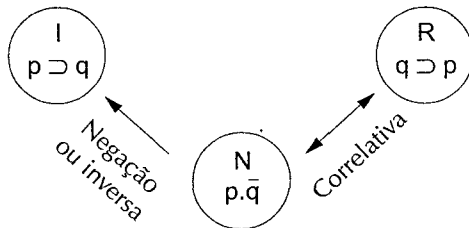


Na situação experimental descrita, o sujeito de 12-13 anos realizou as três operações de operações.

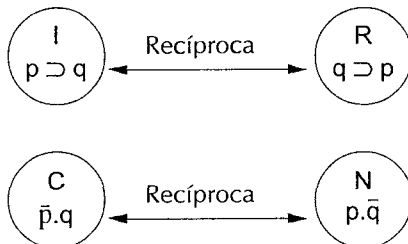
Porém, se $\bar{p}.q$ é inversa de $q \supset p$, é também correlativa de $p \supset q$, pois, se sempre que há iluminação há parada do móvel ($p \supset q$), pode haver parada sem iluminação ($\bar{p}.q$) e vice-versa.



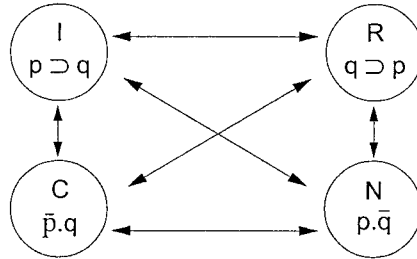
Da mesma forma, $p.\bar{q}$, que é a inversa de $p \supset q$, é também a correlativa de $q \supset p$, pois, se todas as vezes que há parada há iluminação — $q \supset p$ —, pode haver casos de iluminação sem parada — $p.\bar{q}$ — e vice-versa.



E se $q \supset p$ é a recíproca de $p \supset q$ e vice-versa, então também $\bar{p}.q$ será a recíproca de $p.\bar{q}$ e vice-versa.



Um jovem entre 12 e 15 anos, sem conhecer nenhuma fórmula lógica nem a fórmula dos grupos “no sentido matemático”, é capaz de manipular transformações segundo estas quatro possibilidades: “I” (transformação idêntica), “N” (transformação inversa), “R” (transformação recíproca) e “C” (transformação correlativa).



No curso do desenvolvimento mental, podemos rastrear a história paralela das diversas formas de inversão e reciprocidade, e sua coordenação, constituindo um sistema único que integra a ambas — o grupo INRC já descrito, que, por sua vez, se efetua no nível das operações proposicionais antes analisadas. Constitui-se, assim, uma estrutura de conjunto na qual participam o grupo INRC e as operações proposicionais.

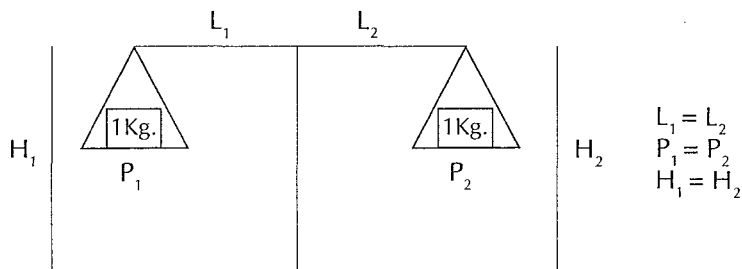
Mediante essas novas operações, um jovem de 11-12 anos é capaz de elaborar novos esquemas operacionais, como as proporções, os sistemas de dupla referência e as noções probabilísticas.

Teste do equilíbrio da balança

Nesse teste, Piaget mostra as relações entre diferentes pesos, comprimento dos braços da balança e alturas atingidas por esses braços.

Por um lado, o adolescente comprova que quanto mais aumenta o peso, mais o braço se inclina e distancia-se da linha de equilíbrio. Compreende a primeira condição de equilíbrio, que é a igualdade de pesos em iguais distâncias dos braços em relação ao centro.

BALANÇA EM ESTADO DE EQUILÍBRIO



Por outro lado, o adolescente descobre que, quando dois pesos diferentes ($P_1 \neq P_2$) equilibram-se a distâncias também diferentes em relação ao eixo da balança ($L_1 \neq L_2$), para deslocá-los para as alturas (H_1, H_2) correspondentes a essas distâncias, os trabalhos (ou seja, o transporte de um peso a uma certa altura) PH_1 e PH_2 são iguais. Obtém, então, a tripla proporção inversa:

$$\frac{P_1}{P_2} = \frac{L_2}{L_1} = \frac{H_2}{H_1}$$

Descobre, assim, a proporção 1 para 2. Substituindo uma unidade de peso por duas, as alturas subirão pela metade, ou seja, os braços devem correr a metade. Isso representa uma tomada de consciência simultânea da inversão e da reciprocidade, que se realiza graças ao grupo INRC.

Vejamos a aplicação do grupo INRC à combinatória das proposições que descrevem as diferentes situações dessa experiência em uma balança:

p_1 = aumento determinado de peso em um dos pratos

\bar{p}_1 = diminuição determinada de peso em um dos pratos

q_1 = aumento determinado de distância do braço correspondente

\bar{q}_1 = diminuição determinada de distância do braço correspondente

$p_2, \bar{p}_2, q_2, \bar{q}_2$ = o mesmo no outro braço e prato

1) *Operação direta (I)* (p_1, q_1): ou seja, aumentar ao mesmo tempo o peso e a distância em relação a um dos braços.

2) *Operação inversa (N)* ($\bar{p}_1 \vee \bar{q}_1$) \equiv (p_1, \bar{q}_1) \vee (\bar{p}_1, q_1) \vee (\bar{p}_1, \bar{q}_1).

($\bar{p}_1 \vee \bar{q}_1$): diminuir o peso ou a distância

(p_1, \bar{q}_1): diminuir a distância, aumentando o peso

(\bar{p}_1, q_1): diminuir o peso aumentando a distância

(\bar{p}_1, \bar{q}_1): diminuir o peso e a distância

3) *Operação recíproca (R)* (p_2, q_2): compensar "I", aumentando o peso e a distância do outro lado da balança ao mesmo tempo.

4) *Operação correlativa (C)* ($\bar{p}_2 \vee \bar{q}_2$) $=$ (p_2, \bar{q}_2) \vee (\bar{p}_2, q_2): anula "R" da mesma forma que "N" anula "I".

Como as compensações são feitas sobre os dois braços, pode-se escrever que p_2, q_2 é igual a \bar{p}_1, \bar{q}_1 . "R" (p_2, q_2) equivale a compensar a ação "I" (p_1, q_1) por uma reação (simetria) no outro braço da balança e, portanto, podemos escrever: \bar{p}_1, q_1 . Da mesma forma como (\bar{p}_2, q_2) equivale a compensar a ação "N" também por simetria, podemos escrever ($p_1 \vee q_1$). Portanto, a proposição pode, então, ser formulada da seguinte maneira:

I (p.q)

N ($\bar{p} \vee \bar{q}$)

R ($\bar{p}.\bar{q}$)

C ($p \vee q$)

Obtém-se, por fim, a proporção: $I/R = C/N$, ou seja, $IN = RC$.

O sistema dessas transformações que expressam o equilíbrio dos pesos e das distâncias equivale, então, à noção de proporcionalidade.

O esquema de proporcionalidade procede diretamente do grupo de quaternidade (INRC). Estamos em presença de dois pares de transformações (aumentos e diminuições de pesos e distâncias), diretas e inversas, e de uma relação de equivalência, mas não de identidade.

A formação da idéia de proporcionalidade supõe que as simples relações de diferença (igualdade das diferenças $P_1 - P_2 = L_2 - L_1$), próprias do estágio concreto, são substituídas pela noção da igualdade dos produtos ($P_1.L_1 = P_2.L_2$).

É mais fácil para o adolescente passar do esquema qualitativo de proporções lógicas de pesos e de distâncias para as proporções lógicas mais detalhadas e daí para as proporções numéricas.

Noções de probabilidades

Vimos até aqui como o jovem interessou-se pela dedução, embora também se preocupe com a problemática do acaso, a reação do fortuito. Dado que o próprio dessa forma de pensamento é sua referência ao possível, e não só ao real, assimila o fortuito com o dedutível em forma de probabilidades. Assim, diante dos fenômenos que produzem flutuações casuais, o jovem tratará de construir esquemas para compreender as

dispersões prováveis e as correlações. Isso ocorre porque, no nível operatório concreto, a criança já discrimina o real, o possível e o necessário, que no nível pré-operatório permaneciam indiferenciados. Aí a determinação do possível e, como consequência, do provável limita-se apenas aos casos em que é acessível ao sujeito uma composição operatória aditiva (não combinatória). A probabilidade dos acontecimentos constitui uma relação entre os casos realizados e os possíveis.

Por sua vez, a noção de correlação como grau de relação da variação conjunta de duas ou mais séries de acontecimentos é um esquema operatório formal aparentado com as proporções e a noção de probabilidade.

Antes de atingir o esquema operatório das correlações, o indivíduo atinge a estimativa apenas qualitativa dos campos de dispersão. Aqui comentamos uma prova de tal fato: dá-se ao sujeito cerca de um terço de um maço de 200 cartas com desenhos de rostos nos quais variam a cor dos olhos e dos cabelos, possibilitando quatro associações (olhos azuis e cabelos louros; olhos azuis e cabelos negros; olhos negros e cabelos louros; olhos negros e cabelos negros). Depois, pergunta-se ao sujeito se ele considera existir ou não uma relação entre a cor dos olhos e a dos cabelos (correlação), atendo-se aos dados apresentados nas cartas que recebeu (a proporção encontrada nesse conjunto é variável).

No caso de dispersão irregular, o jovem avalia a frequência correspondente a cada associação, compara os casos favoráveis com os desfavoráveis. Se um dos conjuntos predomina numericamente com nitidez suficiente, conclui que existe uma relação efetiva que explica os casos desfavoráveis pela intervenção do acaso.

Busca-se uma correlação quando uma relação causal permanece em parte velada por uma dispersão parcialmente fortuita. Para pensar em dissociar essas duas classes de elementos, é preciso distinguir o provável do determinado, ou seja, o conjunto dos casos favoráveis no interior das quatro associações possíveis. A correlação supõe uma combinatória que não consiste em classificar simplesmente os quatro ca-

sos possíveis, mas em distinguir em seu interior as diversas combinações realizáveis e realizadas.

A adolescência é um período em que o ser humano descobre não só as noções de causa necessária, ou de causa suficiente, ou de causa necessária e suficiente de um mesmo fenômeno, mas também a razão da pluralidade de causas. Desse modo, a perda de uma colheita, por exemplo, pode ter sido causada por uma seca, pelo excesso de chuva ou pelas pragas.

A descoberta de que pode haver uma pluralidade de causas está em conflito com a idéia de que uma causa é uma condição necessária e suficiente de seu efeito, pois, se há uma pluralidade de causas, não é possível realizar diferenças que vão dos efeitos para a causa. Não se descarta, porém, o pensamento de uma causa necessária e suficiente. Por exemplo, todo sitiante estará de acordo com a idéia de que há diferentes tipos de perda de colheitas, de tal forma que a perda causada pela seca não poderia ter sido causada pela chuva excessiva ou pelas pragas. Em muitos casos, a multiplicidade de causas pode ser reduzida até se chegar novamente à unidade causa-efeito, à medida que o conhecimento do mundo avança.

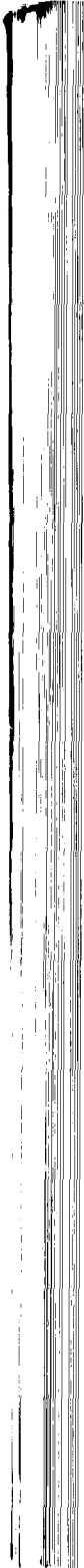
Para concluir, vale lembrar que, embora o adolescente tenha aptidão para esse tipo de pensamento hipotético-dedutivo, utiliza-o pouco em sua vida cotidiana ou emprega modelos sem validade lógica e organiza induções apressadas. Seus raciocínios, em muitos casos, alimentam-se de crenças que não são bem fundamentadas, em geral afirma sem verificar e adota atitudes preconcebidas que assimila do grupo de pares. Suas técnicas racionais de debate tendem mais a causar impacto no outro do que a comprovar suas hipóteses.

Em outras palavras, o adolescente se compraz em utilizar o novo poder de manipular idéias, embora em muitos caso sem se comprometer seriamente com nenhuma delas — em geral, não tem intenção de adotar alguma dessas idéias de forma permanente. Desenvolve conceitos de conceitos, joga com novos conceitos, mas dedica-se a “sonhar”. Isso se expressa em seus jogos, seja na dedução formal própria de um jogo de xadrez ou similar, seja em sua paixão por esportes.

SUGESTÕES PARA LEITURA

- ABERASTURY, A. El mundo del adolescente. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, n. 1, t. II, 1959.
- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. 10. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- AUSUBEL, D. P. *Theory and problems of adolescent development*. New York, Grune and Stratton, 1952.
- BATTRO, A. M. *El pensamiento de Jean Piaget*. Buenos Aires, Emecé, 1989.
- BIANCHI, A. *Psicología de la adolescencia*. Buenos Aires, Troquel, 1986.
- CASTILLO, G. *Los adolescentes y sus problemas*. Pamplona, Eunsa, 1984.
- COLACILLI DE MURO, J. *Elementos de lógica moderna y filosofía*. Buenos Aires, Estrada, 1965.
- DEBESSE, M. *La crisis de la originalidad juvenil*. Buenos Aires, Nova, 1965.
- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- _____. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- FERNÁNDEZ MOUJÁN, O. *La identidad y lo mítico, en la adolescencia, la familia y los grupos*. Buenos Aires, Kargieman, 1979.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v. VII.
- FURTER, P. *La vida moral del adolescente*. Buenos Aires, El Ateneo, 1968.
- GESELL, A.; F. L., ILG; AMES, L. B. *El adolescente de 10 a 16 años*. Buenos Aires, Paidós, 1958.

- GUARDINI, R. *A aceitação de si mesmo: as idades da vida*. 3. ed. São Paulo, Palas Athena, 1998.
- LEHALLE, H. *Psicología de los adolescentes*. Barcelona, Crítica, 1986.
- LIDZ, Th. *Pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- LÓPEZ, J. J. *Rebeldes*. Madrid, Rialp, 1966. *El descubrimiento de la intimidad y otros ensayos*. Madrid, Espasa Calpe, 1975.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. *La juventud actual entre el vértigo y el éxtasis*. Buenos Aires, Proyecto CINAÉ-Editora Docencia, 1981.
- MORENO, A. *Lógica matemática: antecedentes y fundamentos*. Buenos Aires, Eudeba, 1970.
- MUUS, R. *Teorias da adolescência*. 4. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1974.
- PIAGET, J. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. *De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent: essai sur la construction des structures operatoires formelles*. Paris, Press Universitaires de France, 1955.



CAPÍTULO VII

MATURIDADE, VIDA ADULTA, VELHICE

O MUNDO ADULTO E O PROCESSO DE AMADURECIMENTO HUMANO

A vida adulta começou a ser estudada em um período relativamente recente, embora não se possa negar que as pesquisas psicológicas foram, a princípio, realizadas com adultos, e não com crianças, adolescentes ou pessoas idosas. Essas pesquisas faziam parte de estudos sobre as funções psíquicas, os quais seguiam o enfoque da Psicologia Geral e tinham um ponto de vista distante da Psicologia do Desenvolvimento. Nesses trabalhos, o estudo do ser humano tinha como base o modelo do adulto, deixando-se de lado as suas peculiaridades, o que é próprio do período adulto do desenvolvimento. Não eram estudadas as diferenças entre os adultos de diferentes idades nem as que os separam dos adolescentes, das crianças e dos idosos.

Hoje, ainda se sabe muito pouco sobre as etapas da vida adulta. Não é por acaso que esta é considerada de modo indiscriminado na sociedade contemporânea. Essa visão condiciona a atividade dos pesquisadores, mesmo quando eles dispõem de categorias para fundamentar a percepção da realidade.

É importante continuar as pesquisas sobre, entre outros aspectos, o conceito e as vivências da vida madura, o condicionamento cultural na idade adulta, a importância do trabalho, do tempo livre e da família na vida adulta, além de considerar as mudanças físicas próprias desse período.

A vida adulta representa tanto a plenitude física quanto o começo do declínio. Este é gradual entre os 20 e os 60 anos e pode ser em parte atenuado ou adiado por um estilo de vida

saudável. Por exemplo, com uma boa quantidade de exercícios, a musculatura voluntária mantém-se forte, funcionando aos 50 anos com cerca de 90% da força que tinha aos 20 anos. Portanto, uma pessoa de cerca de 50 anos pode ter um rendimento em suas tarefas cotidianas similar ao de uma de 20 no que se refere a essa função.

No declínio físico da vida adulta deve ser considerada a forma como as funções psicológicas são afetadas. Na vida diária, todo indivíduo utiliza uma parte da capacidade de seus órgãos. Cada um desses órgãos tem uma capacidade extra, chamada de "reserva de órgão", para ser utilizada em situações ou em condições pouco usuais ou estressantes. É nessa capacidade de reserva que se produz primeiro o declínio funcional.¹ Por isso, uma pessoa de 50 anos é mais lenta e cansa-se mais do que uma de 20 quando sobe vários andares pela escada. Por outro lado, no desempenho profissional na fábrica ou no escritório não se observam diferenças significativas quanto ao rendimento entre pessoas de 50 e de 20 anos.

Da mesma forma, é maior a pressão arterial de uma mulher grávida de 40 anos do que de uma de 25. Depois do parto, não há diferenças significativas no comportamento funcional dos órgãos de ambas.

Nos últimos anos, houve um aumento da expectativa de vida, decorrente de vários fatores, entre os quais os avanços da medicina, a ausência de guerras, que em épocas anteriores dizimaram populações inteiras, a melhoria das condições sanitárias ou as políticas ou ideologias que propõem a diminuição do índice de natalidade. Como consequência, entre outros fenômenos, a população dos países desenvolvidos é formada cada vez mais por pessoas adultas e idosas, enquanto o número de crianças diminui. Essa população adulta e idosa apresenta novas exigências tanto para a ciência e a indústria quanto para as diferen-

¹ FRIES, J. F. & CRAPO, L. M. *Vitality and aging*. San Francisco, Freeman, 1981.

tes instâncias culturais. Dessa forma, a Psicologia do Desenvolvimento passou a ter um interesse especial nessa faixa de vida humana, para estudá-la, compreendê-la, diferenciá-la. Entre outras contribuições, tentou distinguir fases ou períodos na vida adulta.

É difícil distinguir as etapas posteriores à adolescência por causa da impossibilidade de se determinar limites e momentos-chave comuns a todas as pessoas no transcurso desse ciclo vital.

Aqui, propomos a seguinte distinção:

- juventude ou segunda adolescência (18 a 25 anos);
- vida adulta jovem ou precoce (25 a 30 anos);
- vida adulta média (30 a 50 anos), amadurecimento adulto, crise da meia-idade;
- vida adulta tardia ou segunda vida adulta (50 a 65 anos).

Juventude e vida adulta jovem

A juventude costuma ser denominada segunda adolescência, adolescência superior ou período de amadurecimento adolescente, devido à "moratória" ou prolongamento artificial da adolescência na sociedade contemporânea, já assinalada anteriormente. É uma etapa artificial de transição até o indivíduo chegar à autonomia e à responsabilidade plena.

Durante esse período, as estruturas intelectuais e morais atingem o auge (como vimos no t. 1, cap. V); diminuem as mudanças fisiológicas (ápice físico e intelectual); há estabilização afetiva, ingresso na vida social plena, início do trabalho e/ou dos estudos superiores; é também freqüente o início da vida matrimonial. A pessoa atinge o auto-sustento social, psicológico e econômico.

A vida matrimonial e o trabalho são elementos básicos para o amadurecimento da personalidade, e em muitos casos são adiados devido às exigências e normas culturais contempo-

râneas, prolongando-se assim a dependência familiar e favorecendo-se nos jovens, entre outras modificações, as flutuações afetivas, a falta de experiências vitais, a tendência a idealizar.

É a etapa do encontro ou do conflito entre gerações, da continuidade ou descontinuidade entre as idades. É o período em que as pessoas começam a modelar seu projeto de vida, sua vocação. Embora ainda tenham de fazer importantes escolhas de vida, estas, diferentemente do que ocorre na adolescência, são feitas já no decorrer de um caminho, e assim as pessoas colocam à prova ou modificam seu plano de vida.

Do ponto de vista físico, é a época da plenitude, caracterizada pela junção de força, energia e resistência. Aos 25 anos, a maior parte das funções corporais está completamente desenvolvida. Também por volta dos 25 anos atinge-se a força muscular máxima² e, aos 20, a maior agudeza sensorial.

Os homens atingem sua estatura máxima por volta dos 21 anos e as mulheres, por volta dos 18.

As doenças são menos freqüentes na juventude, que representa o grupo populacional mais saudável, no qual os casos agudos predominam sobre os crônicos. A maior causa de morte nessa fase são os acidentes e atos de violência. Nos Estados Unidos, uma estatística mostra que, no caso da população de 18 a 30 anos, de cada quatro mortes, três são violentas, causadas por acidentes, homicídios ou suicídios.

Segundo o estudo longitudinal de Grant sobre o desenvolvimento adulto normal, realizado pela Universidade de Harvard de 1938 a 1970 — que acompanhou 268 estudantes dos 18 até os 50 anos, no período da vida adulta jovem, que compreende entre os 25 e os 35 anos —, os sujeitos observados tinham marcada tendência a adaptar-se ao meio social, a dedi-

² BROMLEY, D. B. *The psychology of human aging*. Middlesex (England), Penguin, 1974.

car-se ao trabalho e à família. Percebeu-se entre eles pouca auto-reflexão e dedicação a atividades individuais. Tiveram maior auto-exigência e menor auto-satisfação do que na vida adulta posterior (35 a 49 anos).

Heinz Remplein³ assinala que na vida adulta jovem o impulso de impor-se é aumentado, em especial no sexo masculino, que sente intensa necessidade de expandir-se. Assim, a pessoa nessa faixa etária deseja o êxito e a ascensão social, com predomínio de uma atitude otimista. O indivíduo preocupa-se em aproveitar as possibilidades de realização pessoal.

D. Levinson⁴ afirma que a meta do desenvolvimento adulto é a construção de uma estrutura de vida que se forma na juventude e na vida adulta jovem. Para ele, essa estrutura de vida envolve aspectos externos (participação social e cultural, família, atividade religiosa, trabalho, por exemplo) e internos (valores, vida afetiva, por exemplo). A formação da estrutura de vida permite que as pessoas passem por períodos estáveis, em geral de seis a oito anos, nos quais realizam escolhas para desenvolver sua vida; entre esses períodos, há outros, de transição, de quatro a cinco anos, nos quais as pessoas reavaliam sua vida e exploram novas possibilidades. São ciclos que envolveriam toda a vida adulta.

Levison divide a juventude e a vida adulta jovem em três estágios:

1. *Saída do lar (18 a 24 anos)*: passagem da vida pré-adulta para adulta. Maior independência em relação aos pais, tanto econômica quanto psicológica. Maior contato com instituições que dão ao jovem um *status* "intermediário" entre o que ele tem na

³ REMPLEIN, H. *Tratado de psicologia evolutiva: el niño, el joven y el adolescente*. Barcelona, Labor, 1980.

⁴ LEVINSON, D. The mid-life transition period in adult psychosocial development. *Psychiatry*, n. 40, 1977, pp. 99-112.

família e o que terá na vida adulta (universidade, *status* de estudante; exército, *status* de soldado; empresa, *status* de estagiário).

2. *Ingresso no mundo adulto (24 a 28 anos)*: está mais no mundo adulto do que no lar. Explora suas possibilidades de vida. Adquire maior autonomia. Constrói uma estrutura de vida estável.

3. *Transição para a quarta década (28 a 33 anos)*: época de reafirmar os compromissos assumidos anteriormente à luz do que conquistou, e assim se liberar de alguma forma dos afazeres diários para abrir-se a uma nova perspectiva de vida, com uma gama mais ampla de possibilidades, talvez aquelas deixadas de lado na primeira escolha profissional-ocupacional como “pendência”.

Erik H. Erikson denomina “vida adulta jovem” as etapas que estamos considerando, cuja problemática central é a conquista da intimidade; caso esta fracasse, o indivíduo cai no isolamento. O adulto jovem já tem uma identidade pessoal definida e preparada para o vínculo de intimidade com os demais. Para Erikson, a intimidade supõe “a capacidade de entregar-se a afiliações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para cumprir esses compromissos, mesmo quando eles podem exigir sacrifícios significativos”.⁵

O adulto jovem está capacitado para enfrentar os medos da perda do ego próprios de situações que exigem o auto-abandono como movimento de êxtase e a entrega, como, por exemplo, a solidariedade entre amigos, a união sexual, a intimidade do casal. Os medos extremos de perda do ego em tais experiências levam ao isolamento, ao distanciamento interpessoal.

⁵ ERIKSON, E. H. *Infancia y sociedad*. Buenos Aires, Hormé, 1983. p. 237. [Trad. brasileira: *Infância e sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.]

É a etapa em que também se pode desenvolver a genitalidade. Há saúde sexual, para Erikson, quando um ser humano é potencialmente capaz de alcançar a mutualidade do orgasmo genital e quando está constituído de tal forma que pode suportar um certo grau de frustração sem uma regressão patológica.

São interessantes os aspectos que Erikson enumera para alcançar a verdadeira genitalidade e para que esta tenha um significado social perdurável:

1. mutualidade do orgasmo;
2. com um companheiro amado;
3. do outro sexo;
4. com quem se pode e se deseja partilhar uma confiança mútua;
5. com quem se pode e se deseja partilhar os ciclos do trabalho, procriação e lazer;
6. a fim de também garantir à descendência todas as etapas de um desenvolvimento satisfatório.

A possibilidade de estabelecer uma relação de intimidade marca o final da adolescência em termos psicológicos e desenvolve-se durante a juventude e a vida adulta. A seguir, veremos com maiores detalhes o surgimento do vínculo de intimidade.

A caminho da intimidade. Níveis de relação interpessoal

A relação com os demais apresenta níveis, graus de compromisso e profundidades diferentes, que se colocam em jogo em qualquer encontro pessoal.

Um primeiro nível caracteriza-se pela tarefa. O encontro com o outro é mediatizado por uma tarefa. Duas meninas, por exemplo, reúnem-se para brincar com bonecas e outros brin-

quedou; dois ou mais adultos trabalham juntos na montagem de um motor. O intercâmbio pessoal é facilitado pela tarefa comum, de forma que, para estabelecer contato, podemos pedir o brinquedo à outra criança ou uma ferramenta ao companheiro de trabalho. Em contrapartida, pode não haver envolvimento ou compromisso pessoal, nem contato com a interioridade do outro. A tarefa facilita a comunicação e é, por sua vez, refúgio de quem não deseja falar.

O primeiro nível de relação interpessoal predomina na primeira infância, perdura na vida adulta e é próprio de alguns quadros psicopatológicos que apresentam obstáculos para a formação de vínculos com o outro. Os indivíduos esquizóides, por exemplo, têm grande dificuldade para integrar-se, para participar e dialogar em um grupo. Porém, se o grupo constrói-se em torno de uma atividade (cerâmica, trabalhos manuais, terapia ocupacional), ou seja, de uma tarefa concreta que não exija compromisso afetivo e pessoal e seja vivida como algo exterior aos membros, baixa a ansiedade do indivíduo e diminui seu medo do encontro com os demais. Assim, é possível para ele controlar o vínculo com o outro por meio da atividade partilhada e, por fim, conseguir realizar a tarefa e integrar-se ao grupo, preservando sua frágil identidade.

O segundo nível de relação interpessoal surge quando a tarefa deixa de ser o principal ponto de contato vincular e de integração grupal. A aproximação com o outro é agora mediada e regulada por um sistema de normas explícito ou implícito, adaptado às circunstâncias e ao tipo de tarefa. Isso supõe a internalização dessas normas e o desempenho de papéis, entrando em jogo as expectativas em relação ao comportamento do outro. Assim, se cumpro determinadas normas, sei que vou ser valorizado pelo outro ou aceito como membro do grupo.

No segundo nível surgem normas que, por um lado, vão formando um marco referencial grupal, a partir do qual os indivíduos regulam seu comportamento no grupo; também facilitam a possibilidade de prever e de antecipar a conduta. Por ou-

tro lado, promovem expectativas que mais tarde concretizam-se em regras ou lemas.

As dinâmicas dos papéis nos agrupamentos são reguladas por mecanismos de atribuição e de aceitação desses mesmos papéis, e implicam que o indivíduo "jogue" seus comportamentos em função das situações-estímulo da interação.

Em termos interpessoais, o papel resulta do sistema de interação do qual participam os integrantes do grupo. Assim, a personalidade do membro do grupo só se "delata" no estilo peculiar com que assume um certo papel (papel em termos individuais). É por isso que esse estágio representa uma "cultura grupal", própria da infância escolar (o grupo da escola, os jogos com regras, a época da socialização). Supõe um maior compromisso pessoal que o anterior no que se refere à expressão de afetos e à adequação dos comportamentos de acordo com as circunstâncias que os vinculavam. Supõe também a capacidade de colocar-se no lugar do outro e de expor-se ao olhar, à palavra ou ao contato físico com o outro.

No grupo, são colocados em jogo sentimentos e emoções partilhadas, resultantes do interjogo afetivo dos integrantes (atração e rejeição, aproximação entre os membros). É uma emocionalidade partilhada que pode, às vezes, fazer com que o indivíduo sinta que está ameaçado de perder a própria unidade do ego, pois o grupo confronta-o com diferentes imagens parciais difíceis de ser integradas. Sente a angústia de ser fragmentado, quebrado, e percebe a própria fragilidade. Na série de espelhos (os membros do grupo), procura encontrar sua identidade e uma imagem unificada de si. Isso faz com que esse tipo de grupo diferencie-se do grupo de tarefa, no qual o sujeito pode relacionar-se com o outro sem necessidade de tentar conhecê-lo ou de enfrentar a angústia de mostrar sua interioridade.

Também ocorre nesse nível uma certa possibilidade de ocultamento e controle. Assim como no nível de tarefa um adulto pode recusar-se a expor-se, limitando-se a falar de temas referentes à tarefa, no segundo nível pode ocultar aspectos da per-

sonalidade ou controlar manifestações pessoais, limitando-se ao desempenho do papel esperado, escondendo-se no código normativo, no socialmente estabelecido.

Por último, temos o nível da intimidade, no qual, no encontro com o outro, não predominam nem a tarefa nem o sistema de normas, mas sim a abertura pessoal para o conhecimento mútuo em profundidade. A relação baseia-se na criatividade de ambos para construí-la. O código de normas sociais internalizado serve como parâmetro geral no início da relação, mas a pessoa logo se vê diante da necessidade de questionar determinadas regras ou de inventar outras. Na relação de intimidade, as normas do vínculo são permanentemente discutidas. Aquilo que no início era proibido e evitado pode passar a ser admitido ou até mesmo tornar-se habitual. Em um primeiro momento, a formalidade e a distância afetiva são esperadas na relação de casal. Com o progresso do vínculo, essa circunstância é interpretada como um "congelamento" da relação.

A intimidade supõe uma reflexão permanente sobre o vínculo, sobre a definição do vínculo, sobre o grau de compromisso pessoal em jogo ("Somos amigos?"; "Somos noivos?"; "Somos companheiros?"). No início da relação, a maior parte do tempo é dedicada a falar sobre o relacionamento, a conhecer-se e a modificar as normas que regulam o vínculo. A tarefa e as normas são flexibilizadas conforme um vai revelando a personalidade para o outro.

Uma verdadeira intimidade com o outro só é possível quando o sujeito constituiu um núcleo de interioridade, com base no qual atua e ao qual tudo é referido, e quando a identidade está suficientemente consolidada. Assim, a capacidade de intimidade só pode ser desenvolvida à medida que o sujeito alcançou um certo grau de segurança e valorização de si mesmo, de integração e de autonomia.

A intimidade supõe uma afetividade e uma sexualidade menos centradas no eu e menos narcisistas. É uma relação de amor, na qual predomina a preocupação com o outro, atentan-

do-se para a necessidade do outro. Supõe a busca de uma situação que traga plenitude, de alguém que complete a si mesmo e a quem se pode chegar a completar. Em termos psicossociais, a intimidade supõe certo grau de interpenetração com o outro sem que haja dissolução das respectivas identidades.

A experiência de intimidade pode ser angustiante ou perigosa para as pessoas que não desenvolveram sua personalidade de forma normal. Elas são obrigadas a estabelecer relações estereotipadas com os demais, e isso as faz cair em profundo isolamento.

No terceiro nível das relações interpessoais há uma necessidade premente de estar juntos, de compartilhar experiências, de abrir e de abrir-se para a mútua intimidade, para o profundo, para o interior. Paradoxalmente, porém, enriquece e fortalece a identidade individual.

Vida adulta média: amadurecimento e crise da meia-idade

Idade madura, idade adulta propriamente dita, idade da plenitude. É a época média em que o indivíduo pode ver como é o curso definitivo da sua vida. Por um lado, percebe que não está no início de um caminho, que a direção da sua vida já está dada. Por outro, pode sentir de forma dramática que ainda não encontrou um norte. Em ambos os casos, porém, considera necessário avaliar até onde chegou em sua vida, em seu projeto.

A passagem da vida adulta jovem para a vida adulta média implica um certo estado de ânimo, mais do que mudanças corporais específicas, comparadas com as que assinalam o início da adolescência ou da própria vida adulta jovem. Em termos físicos, destacam-se apenas a dilatação e o aumento do corpo.

O ímpeto juvenil é substituído, em parte, por uma maior capacidade de concentração, perseverança e resistência. É um período em que aumenta o cabedal de experiências pessoais, crescem as atividades individuais e define-se a individualidade

de modo mais nítido. Predominam a estabilidade, a profundidade e o sossego. Os estados passionais próprios da adolescência e juventude são atenuados e dão lugar a sentimentos ou estados sentimentais mais profundos e perduráveis.

Erik H. Erikson, ao considerar esse estágio da vida adulta, afirma que a sua conquista característica é a capacidade generativa; se o indivíduo fracassa, enfrenta a estagnação. A capacidade generativa consiste na preocupação em orientar as novas gerações. O conceito de generativo inclui os de produtividade e de criatividade.

Além de ser valorizada por aqueles que orienta, a pessoa também precisa sentir-se necessária, precisa do alento daquilo que produziu e de que deve cuidar. Nesse sentido, é muito importante a posição de Erikson no que se refere à dependência das crianças e a suposta independência dos adultos, que seria melhor chamar de autonomia e interdependência. Ele afirma: "A insistência, hoje muito em moda, de dramatizar a dependência em relação aos adultos nos faz com frequência dar pouca importância à dependência que a geração mais velha tem em relação à mais nova".⁶

Não basta ter filhos para alcançar a capacidade generativa, pois a paternidade não é sinônimo da capacidade generativa e esta, por sua vez, vai além daquela.

O mesmo Erikson assinala que a renúncia ao direito de procriar, característica de pessoas pertencentes a determinadas instituições religiosas, por um lado facilita a dedicação ao estudo das questões últimas e a uma relação especial com Deus; por outro, canaliza-se no cuidado das criaturas necessitadas e da caridade, o que lhes permite transcender. Em uma mesma linha de pensamento, não podemos deixar de citar outros homens e mulheres que, sem uma renúncia explícita à procriação,

⁶ ERIKSON, E. H. *Infancia y sociedad*. Buenos Aires, Hormé, 1983. p. 240. [Trad. brasileira: *Infância e sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.]

deixam de lado essa tarefa natural para dedicar suas vidas, generosamente, ao cuidado dos necessitados, a uma profissão, à arte, à ciência, ou seja, a atividades transcendentais, que vão além de seus interesses pessoais.

A capacidade de “perder-se” no encontro com o outro — por exemplo, no casal em que se encontram dois corpos e duas personalidades — leva a uma expansão gradual dos interesses do eu. Sem o enriquecimento da vida interior, a pessoa fica estagnada e passa a buscar compulsivamente uma pseudo-intimidade e uma pseudo-identidade.

Para Erikson, o amadurecimento é atingido quando a pessoa, de alguma forma, cuida de coisas e de outras pessoas, consegue adaptar-se aos triunfos e desilusões próprios do ser que gera, de outros seres humanos ou produtos e idéias, marcas que testemunham sua passagem pelo mundo.

Amadurecimento e vida adulta

O que caracteriza a personalidade madura é uma questão crucial para a Psicologia do Desenvolvimento. Como Gordon Allport, também acreditamos que, “ao afirmar que uma pessoa é mentalmente sã, normal e madura, devemos saber o que são saúde, normalidade e maturidade. A Psicologia por si só não pode nos dizer isso. O juízo ético também está aí implícito”.⁷

O conceito de maturidade é tirado da própria natureza e refere-se à evolução que chega ao fim previsto. Amadurecer é progredir paulatinamente em direção a uma meta.

Leopoldo Prohaska,⁸ analisando a etimologia da palavra “maturidade”, afirma que a palavra latina *maturus* vem de *mane*,

⁷ ALLPORT, G. *Psicología de la personalidad*. Buenos Aires, Paidós, 1970. p. 329.

⁸ PROHASKA, L. *El proceso de la maduración en el hombre: fundamentos de una pedagogía*. Barcelona, Herder, 1973. p. 22.

que quer dizer “de manhã cedo”, aquele que se levanta cedo para fazer algo, que está preparado para tudo o que possa acontecer. A palavra *maturum* refere-se ao que chegou a um ponto do qual podemos nos beneficiar. Esse autor⁹ afirma que “amadurecimento é mais do que evolução. Na evolução, desenvolvem-se as disposições dadas pela natureza ao ser submetido à lei de crescimento. A meta de uma pedagogia da evolução é o aperfeiçoamento funcional da estrutura das disposições. Os limites das disposições são ao mesmo tempo os limites de tal pedagogia... a pedagogia do amadurecimento vai além desses limites. Uma pessoa com excelente disposição pode, apesar de uma formação correta e do desenvolvimento funcional de suas aptidões, atingir um amadurecimento humano inferior; e, vice-versa, uma pessoa com qualidades menores e mais limitadas pode alcançar um amadurecimento humano mais elevado. As aptidões oferecidas pela natureza não se identificam com as possibilidades do amadurecimento”.

Atinge-se gradualmente o amadurecimento pessoal ao orientar a sua vida segundo o sentido da sua existência, a partir da aceitação consciente dos seus limites e das suas disposições. O ser humano, diferentemente do que acontece com os animais, não só vive, mas também dirige sua vida, orienta-a para um determinado caminho. É próprio da natureza humana que a pessoa não só viva mudanças, mas também mude a si mesma. O amadurecimento humano implica um processo para ser mais, ou seja, diante do ter mais ou do conhecer mais, privilegia-se o ser mais. É preciso que a pessoa viva em sua idade, assente-se em sua idade, sem deter-se em sua idade: deve continuar a amadurecer.

Cada etapa do ciclo vital apresenta-nos uma imagem própria, cada uma das quais tem um significado próprio, um amadurecimento e uma conquista específicos. Toda pessoa tem de realizar-se em cada uma das etapas de sua vida para realizar-se na vida.

⁹ PROHASKA, L. *El proceso de la maduración en el hombre: fundamentos de una pedagogía*. Barcelona, Herder, 1973. p. 10.

Complementando o anteriormente analisado, Prohaska afirma que toda a vida representa um processo único de amadurecimento. O processo total do amadurecimento é um caminhar para a última etapa, até que se atinja aquele valor que se conquista na velhice: a sabedoria. Portanto, podemos concluir que há uma perfeição e um amadurecimento próprios de cada idade, além de uma direção de perfeição ou amadurecimento crescente que só acaba com a morte.

Para C. Pedrosa,¹⁰ o amadurecimento que envolve a personalidade só pode ser atingido na idade adulta. Os aspectos fundamentais desse amadurecimento adulto são:

- harmonia das funções que supõem o autogoverno;
- visão global objetiva do mundo. Supõe experiência vital e a saída de si mesmo, assim como inclusão da morte no plano de vida;
- aceitação das limitações e possibilidades tanto da realidade externa quanto da interna;
- aceitação de responsabilidades; independência e espontaneidade no pensamento e na ação;
- autoconfiança e serenidade.

A experiência é um fator de grande importância com o qual só se pode contar a partir da vida adulta.

A coragem, virtude da maturidade

A seguir, transcreveremos uma seleção de parágrafos, extraídos da obra do psicólogo existencialista norte-americano Rollo May¹¹ sobre as dificuldades do homem na sociedade con-

¹⁰ PEDROSA, C. *La psicología evolutiva*. Madrid, Marova, 1976. pp. 352-353.

¹¹ MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1980. cap. VII.

temporânea para reencontrar o caminho do bem-estar interior e alcançar sua plenitude:

Em qualquer época, a coragem é a virtude necessária ao ser humano para atravessar a estrada acidentada que leva da infância à maturidade. Mas, numa época de ansiedade, de moral gregária para as massas e isolamento pessoal, a coragem é uma virtude *sine qua non*. Nos períodos em que os costumes eram guias mais consistentes, o indivíduo ficava mais protegido em suas crises de evolução; mas nos tempos de transição como o nosso ele fica por conta própria mais cedo e por um período mais prolongado.

Coragem é a aptidão para enfrentar a ansiedade que surge na conquista da liberdade. É a inclinação para diferenciar, sair do reino protetor de dependência paterna para novos planos de liberdade e integração. A necessidade de ser corajoso surge não só nesses estágios em que o rompimento com a proteção paterna é mais óbvio — tais como o nascimento da autoconsciência, a ida para a escola, a adolescência, as crises do amor, o casamento e finalmente a morte — como também a cada passo, quando a pessoa se afasta do ambiente familiar para fronteiras desconhecidas. “Coragem, em última análise”, segundo o neurobiólogo dr. Kurt Goldstein, “nada mais é senão uma resposta afirmativa aos choques da existência, que precisamos suportar para atualizar a nossa própria natureza”.

O seu oposto não é a covardia, e sim a ausência de coragem. Dizer que alguém é covarde não significa o mesmo que afirmar que ele é preguiçoso. Revela simplesmente que uma potencialidade vital não foi realizada, ou está bloqueada. O oposto de coragem, quando se procura compreender o problema em nossa própria época, é a conformidade automática.

A coragem para ser autêntica dificilmente seria considerada a maior virtude dos nossos tempos.

[...] o que mais se teme é destacar-se do grupo, “sobressair”, não ajustar-se. As pessoas temem ficar isoladas, sozinhas, sujeitas ao ostracismo social, isto é, ser ridicularizadas ou rejeitadas. Quando alguém mergulha na multidão não corre tais riscos.

[...] a coragem é a base de qualquer relacionamento criativo. Tomando um exemplo ao aspecto sexual do amor, verificamos que muitos dos problemas de impotência são devidos ao medo à mulher, que é o temor da própria mãe, foco de ansiedade, que pode ser simbolicamente expressado pelo medo de que o pênis seja absorvido durante a relação sexual, medo à dominação da mulher, ou de se tornar dela dependente etc. Em terapia, a origem desses problemas precisa ser procurada bem especificamente. Mas, isto realizado e a ansiedade neurótica vencida, a coragem de acompanhar a aptidão para relacionar-se — continuando com o exemplo de natureza sexual — é tanto literal como simbolicamente demonstrada pela capacidade de ereção e afirmação necessárias à relação ativa. A analogia sexual serve também para outros relacionamentos na vida: *é preciso coragem não só para afirmar-se, mas também para dar-se.*

Definimos vaidade e narcisismo como a necessidade compulsiva de ser elogiado, ser amado: para tal as pessoas renunciam à coragem. Quem é vaidoso e narcisista parece superficialmente proteger-se, não assumindo riscos e agindo em outros sentidos como um covarde, por pensar demasiado bem de si mesmo. Na verdade, porém, dá-se exatamente o oposto. Precisa preservar-se como um artigo com o qual comprará o elogio e os favores de que necessita, precisamente porque sem os elogios dos pais se sente pessoa sem valor. A coragem emerge do senso da própria dignidade e da auto-estima; e a pessoa não é corajosa quando não tem um bom conceito de si mesma. Quem exige que os outros digam continuamente: “Ele é tão simpático”, tão inteligente, ou tão bom, ou “Ela é linda”, cuida de si mesmo não porque se ame, mas porque o rosto bonito, a inteligência ou o comportamento cortês são meios de obter aprovação.

A vacuidade e o narcisismo — necessidade compulsiva de ser admirado e louvado — minam a coragem, pois então a pessoa luta baseada na convicção de outrem, e não na sua própria.

Distinguir a verdade, como as outras características singulares do homem que acabamos de discutir, depende de sua capacidade de autoconsciência. Ele pode assim transcender sua situação imediata e em imaginação “ver a vida com firmeza e por inteiro”. Pela autoconsciência pode ainda procurar em si mesmo a sabedoria que fala em maior ou menor grau a todo homem que queira ouvir.

Buscar a verdade não é uma função exclusiva do intelecto, e sim do homem total; a pessoa *experimenta* a verdade, evoluindo como uma unidade que pensa-sente-age.

A crise da meia-idade

A necessidade de conhecer a si mesmo e de olhar para dentro para viver de forma mais autêntica acentua-se em algumas épocas da vida. Uma destas é a que transcorre entre os 35 e os 45 anos, a que Elliot Jacques denominou “crise da meia-idade”, na qual ocorrem modificações corporais próprias e fantasiadas.

O adulto começa a sentir o peso do passado e a lenta aproximação do declínio. Os “melhores” anos, no sentido de sua potencialidade biológica, já se passaram. Sente que chegou ao auge e agora inicia um descenso diário.

Deve elaborar o luto por sua juventude perdida e pelas metas que não pôde ou não soube alcançar. Toma consciência de que *algumas jamais serão alcançadas*. Isso implica aceitar sua finitude, mas também lhe permite, se não se desviou demais de seu projeto ou não o traiu, retomar o caminho, utilizando sua maior experiência e capacidade de insight, pois ainda há tempo.

Visualiza que as opções se estreitaram, o campo de possibilidades anteriores é substituído por um campo mais restrito, no qual a vida não oferece novas bifurcações. Na adolescência e na juventude, podia transitar por caminhos que não tinham de ser necessariamente os definitivos e ainda podia voltar a bifurcações anteriores e retomar novas veredas com facilidade (em sua ocupação, relacionamento ou estudos, por exemplo). Toda essa reflexão é acompanhada da angústia de se perguntar se ainda há tempo de mudar.

É freqüente o questionamento do sistema de valores que regeu sua existência, os objetivos de trabalho, sociais e econômicos, o uso que fez de seu tempo livre, as amizades que tem,

entre outras coisas. A idade avançada dos próprios pais ou, com frequência, a morte de um deles, contribui para a sensação de envelhecimento, para a tomada de consciência de que agora faz parte da geração destinada a envelhecer e morrer.

Para Elliot Jacques, superar com êxito a crise da meia-idade depende do conhecimento explícito da inevitabilidade da própria morte e da existência de impulsos destrutivos e autodestrutivos dentro de cada pessoa. O indivíduo deve reelaborar a posição depressiva, pois a crise da meia-idade é uma crise depressiva.

O dr. Samuel Komarovsky¹² acrescenta que também deve reconhecer os limites que a realidade impõe às fantasias infantis, onipotentes e narcisistas. A resolução da crise está na compreensão final de uma incompletude básica, de uma finitude inevitável. Para isso, é preciso que o indivíduo tenha matado suficientemente a "criança maravilhosa", ideal narcisista dos pais. Esse ideal transmite ao ser humano tal sentimento de perfeição que, enquanto perdurar, não permitirá que ele aceite a própria mortalidade e incompletude.

Elliot Jacques realizou uma pesquisa sobre a crise da meia-idade e como ela afeta a atividade criadora, estudando a vida de 310 pintores, compositores, poetas, escritores e escultores de comprovada criatividade e talento artístico. Nessa mostra, tomada ao acaso, observou que a crise da meia-idade afetou o trabalho criador de três formas: 1. a atividade criadora termina ou se esgota; 2. começa a manifestar-se pela primeira vez; 3. há uma mudança decisiva na qualidade e no conteúdo da tarefa criadora.

A crise da meia-idade ocorre em ambos os sexos. Vamos considerar agora alguns aspectos específicos no que se refere à mulher.

¹² KOMAROVSKY, S. La crisis de la edad media de la vida. *Acta psiquiátrica y psicológica de América Latina*, n. 32, 1986, p. 205.

A síndrome psicológica descrita como própria do climatério feminino (irritabilidade, insônia, ansiedade e depressão) aparece, na maioria dos casos, vários anos antes da menopausa fisiológica.¹³ Manifesta-se por volta dos 42 anos, enquanto a menopausa em média ocorre entre os 45 e os 53 anos, diferentemente da andropausa, que é mais tardia e progressiva.

O fato psicológico da menopausa não faz nada além de fixar e dar características específicas à mulher na crise da meia-idade, acrescentando-lhe uma sintomatologia, como, por exemplo, a dos famosos acessos de calor provocados pelas mudanças hormonais.

A iniciação ou a percepção da iminente emancipação dos filhos faz com que a mãe reviva, com sinal inverso, a experiência puberal-adolescente, na qual também os vínculos psicológicos entre mãe e filhos se afrouxam e a energia psíquica, como no climatério, pode ser dirigida para outras metas e assim resolver a crise de forma mais satisfatória.

A crise da meia-idade pode ser antecipada como consequência de operações ginecológicas radicais, que determinam o fim da capacidade de reprodução.

Therese Benedek¹⁴ assinala as semelhanças entre as reações psicológicas da mulher observadas no período pré-menstrual e as reações durante o climatério. Afirmar que a diminuição dos hormônios própria da fase pré-menstrual determina uma diminuição da capacidade libidinosa e sintética do ego, favorecendo um aumento do narcisismo e, nos casos mal predispostos, dos comportamentos agressivos, da depressão e da hiperatividade ansiosa.

¹³ VELASCO SUÁREZ, C. A. El climaterio femenino como crisis de la mitad de la vida. *Psicología Médica*, 1, 4, 1974, p. 405.

¹⁴ BENEDEK, T. & RUBENSTEIN, B. *El ciclo sexual de la mujer*. Buenos Aires, Nova, 1950.

Assim transcorre a crise da meia-idade, época de inventário, de balanço do que foi conseguido. Alguns colhem o fruto de seus esforços, outros reencaminham suas vidas e há também aqueles que aumentam seus lamentos e caem em desilusão e depressão.

Vida adulta tardia ou segunda vida adulta

A vida adulta jovem é caracterizada pela expansão, pela afirmação de si mesmo por meio do casamento, da realização profissional e da obtenção de uma posição social. A vida adulta média representa o auge e a época de reflexão sobre o fim do caminho da vida percebido como um horizonte agora mais próximo. A angústia existencial recrudescer e a pessoa sente a *insignificância da vida individual em um tempo e em um espaço infinitos*.

Inicia-se agora a segunda vida adulta e, parafraseando Carl Gustav Jung, podemos dizer que "ao soar do meio-dia tem início a descida". É uma etapa que vem após o meio-dia da vida e é governada pela restrição e pela redução ao essencial. O auge da capacidade física já passou, sobrevivendo o declínio. Surgem as rugas e o cabelo embranquece. Aumenta a queda do cabelo e percebe-se a perda do vigor e do tônus muscular. Surgem os primeiros "achques", ou lentidão física, um certo cansaço geral e uma perda de elasticidade. Por isso, a pessoa começa a falar "do que sou e do que fui". São mudanças que, por um lado, provocam sentimentos de inferioridade, especialmente no trato com pessoas mais jovens. Por outro lado, a pessoa passa a ser considerada pelos demais como alguém "de certa idade".

A diminuição do sentimento do próprio valor é mais frequente no caso das pessoas que se fixaram no pseudo-ideal da eterna juventude. Muitos negam o transcurso dos anos e vestem-se de acordo com a moda jovem, recorrem à cosmética e à cirurgia para alisar a pele. Outros assumem atitudes de hostilidade e ressentimento diante dos jovens, muitas vezes com a justificativa de defesa dos valores morais, encobrindo na verdade a inveja que sentem deles.

A consolidação da personalidade é acompanhada da perda de alguma plasticidade; à medida que os anos passam, vão-se cristalizando e solidificando os traços da personalidade, tanto positivos quanto negativos. Torna-se mais difícil aceitar e produzir mudanças em si mesmo.

No caso das pessoas solteiras, viúvas ou separadas, surge o medo de uma velhice solitária. Com frequência, desencadeiam-se crises matrimoniais. O fato de os filhos estarem crescidos, ou até mesmo já casados, deixa os pais com menos obrigações e mais sozinhos. Isso costuma ser chamado de "síndrome do ninho vazio". O casal vê-se novamente compartilhando mais tempo e com a necessidade de fixar novas metas em sua relação.

Só com a ampliação de sua vida espiritual as pessoas poderão compensar as perdas progressivas nos campos físico e psíquico. Remplein caracteriza essa idade como a da passagem do vital para o espiritual. O passional muitas vezes se atenua, a libido é sublimada e surgem atividades consagradas a valores espirituais, como a arte, a ciência ou o cuidado do outro. Ocorre uma libertação da busca de conquistas, como a dos bens materiais e a do *status*, desacelera-se a louca corrida por ascensão e o ego preenche-se com o que está próximo, no presente, sem urgências.

É uma etapa que permite que a máscara social, os disfarces sucessivos que adotamos para nos relacionar, para ser queridos e aceitos, caia aos poucos, deixando espaço para um ego mais austero, limitado, que pode mostrar com pudor suas feridas. Nesse estágio, segundo Erikson,¹⁵ o ego pode atingir a integridade, categoria própria da vida adulta tardia, e quando fracassa em sua tentativa cai em desespero. Dessa forma, o autor opõe integridade do ego e desespero.

¹⁵ ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

A integridade está associada à segurança acumulada do ego. Esse autor relaciona a integridade do ego do homem adulto com a confiança infantil, que é o primeiro dos valores do ego, e afirma que a confiança implica a segurança quanto à integridade do outro. Dessa forma, por exemplo, as crianças não terão medo da vida se seus pais ou responsáveis tiverem a integridade necessária para não temer a morte.

Quem tem integridade está sempre pronto para defender a dignidade de seu próprio estilo de vida, embora também perceba e tolere os diferentes estilos de vida que deram significado ao esforço humano. Isso exige um amor ao ego que supera o narcisismo, como uma experiência que transmite um sentido espiritual e transcendente. Significa um amor novo e diferente em relação aos pais, talvez ausentes, mas sempre presentes como "imagos", e também significa a aceitação do próprio ciclo vital.

A consolidação final, afirma Erikson, permite que a vivência diante da morte atenuie seu caráter atormentador (medo da morte). O desespero expressa o sentimento de que agora o tempo é curto, demasiado curto, para tentar abrir novos caminhos e alternativas para alcançar a integridade, pois a morte é o momento terminante, e não só determinante; é o último instante da seqüência do tempo vivido para realizar o sentido da vida escolhida, para configurar, segundo esse autor, nossa própria figura.

VELHICE

Embora o estudo do problema da velhice possa ser rastreado até os primeiros pensadores da humanidade, é muito recente a pesquisa científica do processo de envelhecimento, assim como o desenvolvimento na Medicina e na Psicologia das especialidades de gerontologia e psicogerontologia.

A psicogerontologia, ou a psicologia evolutiva da velhice, desenvolveu-se praticamente a partir da década de 60. Da mesma forma, a geriatria, ou medicina gerontológica, é uma disciplina que adquiriu impulso depois da Segunda Guerra

Mundial, com a consolidação das chamadas sociedades de bem-estar e consumo dos países desenvolvidos. A pediatria já era uma especialidade importante no século XIX e, no início do século XX, foram construídos muitos hospitais infantis em todo o mundo. Porém, a existência de serviços de gerontologia e de uma política sanitária para as pessoas idosas, que são tão ou mais vulneráveis aos problemas físicos e psíquicos do que as crianças, limita-se aos últimos anos.

O interesse tardio pela pesquisa e atenção no que se refere às pessoas idosas é explicável, em parte, pelo pouco peso que essa população tinha antigamente na estrutura demográfica das nações. Estamos hoje diante de um mundo que envelhece.

É preciso lembrar que a expectativa de vida da população mundial aumentou à medida que melhoraram as condições sanitárias, educativas e econômicas. O tempo médio de vida calculado para alguns povos da Antigüidade, como, por exemplo, os gregos e os romanos, era de aproximadamente 30 anos, o que demonstra o quanto era excepcional nessas sociedades que uma pessoa chegasse à idade avançada. Os idosos representavam uma minoria, e o fato de terem podido sobreviver e acumular experiências fazia com que fossem muito valorizados.

Em demografia, quando se faz o gráfico da quantidade de habitantes segundo as idades, fala-se de uma “pirâmide” populacional. Essa imagem geométrica é usada porque a larga base de sujeitos de poucos anos de vida decresce de forma significativa até se chegar à escassa população idosa. Hoje, na maioria dos países desenvolvidos e até mesmo em alguns em vias de desenvolvimento, seria preciso falar de “cilindro” populacional ou de “pirâmide” invertida, porque a distribuição por idades equilibrou-se ou porque há franco predomínio de adultos e idosos.

A população de 65 anos ou mais,¹⁶ em 1980, representava 15,5% dos habitantes da Alemanha Federal, 13,5% da popu-

¹⁶ Fonte: ONU — Organização das Nações Unidas.

lação da França e da Itália, 11,4% dos Estados Unidos, 8,2% da Argentina e 3% dos países africanos. No Brasil, em 1950, os maiores de 65 anos representavam apenas 4,2% da população; em 30 anos, quase duplicou esse percentual.

POPULAÇÃO DE 60 ANOS OU MAIS (BRASIL)

<i>Ano</i>	<i>Porcentagem de idosos sobre a população total</i>
1872	0,7
1890	0,4
1920	4
1940	4,06
1950	4,2
1960	4,8
1980	6,1
1990	7,3

Fonte: IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

O aumento da população de idosos deve-se não só à maior expectativa de vida gerada pela melhoria das condições sociais e sanitárias, mas também à diminuição da taxa de natalidade. Nos países de maior desenvolvimento, o número de pessoas de idade muito avançada (mais de 85 anos) aumentou mais de 60% nos últimos dez anos.

O aumento da expectativa de vida provocou o prolongamento do estágio da velhice e fez com que se comesçassem a distinguir etapas nesse estágio, como, por exemplo, pré-senilidade ou senescência, senilidade, terceira e quarta idades (pessoas acima de 80 anos).

No Brasil, a expectativa de vida ao nascer era, em 1940, de 44 anos para as mulheres e de 39 anos para os homens. Em 1980, passou a 63 anos para as mulheres e 56 anos para os homens.¹⁷

¹⁷ Dados do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O prolongamento da vida e a elevação da porcentagem de idosos na sociedade modificou o valor e a atitude em relação a eles; de heróicos sobreviventes, passaram a ser uma carga social; de valorizadas personagens que forneciam generosamente sua experiência e sabedoria, passaram a ser pessoas muitas vezes desocupadas (aposentadas), que devem ser sustentadas economicamente e ter seu tempo livre e de recreação organizado. A desvalorização e a marginalização tornam-se evidentes nos casos de internação geriátrica indevida. Recorremos a uma caracterização um tanto exagerada e simplista, mas ilustrativa, para mostrar como a atitude social em relação aos idosos mudou em menos de cem anos. A sociedade contemporânea tende a idealizar a adolescência e a juventude, juntamente com tudo o que considera novo. Como consequência, rejeita o idoso e desvaloriza tudo o que considera velho. Paralelamente, a passagem da família numerosa para a família nuclear (cônjuges e um ou dois filhos) torna cada vez mais distante a figura do avô. Os idosos correm, portanto, o risco de desvalorização e marginalização não só por parte da sociedade, mas também da família, que é seu apoio afetivo essencial.

Na Antigüidade, o sistema de valores dos idosos era em geral adotado pela sociedade e eles tinham um papel de assessoria e de orientação nas grandes decisões da comunidade, como, por exemplo, nos chamados Conselhos de Anciãos em muitos povos. Nos setores dirigentes das sociedades ainda há valorização das pessoas idosas, que conservam seu prestígio e poder; a marginalização hoje ocorre especialmente no caso do ancião médio.

Alguns povos da Antigüidade e sociedades primitivas há não muitos anos tratavam injustamente os anciãos, mas eram povos que viviam em situações extremas, em meios muito adversos. Assim, por exemplo, os esquimós e algumas tribos africanas e americanas abandonavam os idosos e os deixavam morrer para que os mais jovens pudessem sobreviver, pois estes ainda poderiam procriar e assegurar a continuidade. Em geral, agiam assim em situações muito prementes, de emer-

gência, como as secas. Os próprios anciãos aceitavam o fato como natural e necessário.

Alguns estudiosos da terceira idade consideram que o "ritual" contemporâneo de desligar-se dos idosos, internando-os em lares ou asilos sem motivos fundamentados (necessidade de atenção médica especializada, periculosidade para si mesmos ou terceiros devido a um quadro demencial, entre outros) é análogo ao dos esquimós, que abandonavam seus idosos para que morressem. A segregação da família e da sociedade leva os idosos a uma morte social.

Diversos estudos sobre internação geriátrica em casas de repouso e asilos mostram que muitos idosos falecem durante o primeiro ano de internação, apesar de terem entrado em boas condições físicas. Com a internação, que provoca depressão e maior vulnerabilidade física, reduz-se a esperança de vida.

O trato e o respeito às crianças e aos idosos é um dos parâmetros mais confiáveis para avaliar o grau de civilização atingido por um povo. A cultura contemporânea privilegia os valores de utilidade e eficácia: as pessoas valem enquanto se pode aproveitar delas e têm um ótimo rendimento. Os idosos transformaram-se em seres humanos descartáveis, condenados à solidão do inútil. A ineficácia e os modos desajeitados dos idosos provocam muitas vezes rejeição ou agressividade nos jovens e nos adultos.

Considera-se que os principais fatores que influem negativamente no processo de envelhecimento são:

- privação de uma atividade ocupacional; condenação à passividade: a aposentadoria, às vezes, mais do que um direito adquirido, é uma verdadeira condenação social e econômica;
- doenças físicas e enfraquecimento corporal;
- lentidão das funções psíquicas;
- diminuição ou exclusão das atividades prazerosas e agradáveis da vida;
- medo diante da aproximação da morte.

A seguir vamos falar do conceito de velhice, das teorias sobre o envelhecimento e das características do idoso. Devemos lembrar que o envelhecimento faz aumentar as diferenças psicológicas dos sujeitos. Os idosos, ainda que de uma mesma cultura, são muito mais diferentes entre si do que as crianças ou os adolescentes. Estes tendem a manifestar comportamentos mais uniformes entre si.

Teorias sobre o processo de envelhecimento

Desde a Antigüidade, a atenção dos pensadores e dos povos voltou-se para temas como as causas do envelhecimento, como prolongar a vida, a busca de processos de rejuvenescimento (a fonte da eterna juventude).

Muitos autores consideraram a velhice uma enfermidade crônica comum a todos os humanos. Para Aristóteles, por exemplo, a velhice era como "uma doença natural" (*De generatione animalium*), e Sêneca afirmava que era uma doença incurável.

Galeno de Pérgamo, no século II da era cristã, sustentava que, embora a velhice não estivesse livre de aches, não era uma doença, pois as doenças iam sempre contra a natureza.

Henry Ey¹⁸ opõe-se à relação idoso-enfermo. Distingue a senescência ou envelhecimento da senilidade ou decadência das funções psicofisiológicas, que é sua expressão patológica. Considera a senilidade não só como a mera aceleração do processo de envelhecimento, mas também como um envelhecer diferente e anormal.

Nos países desenvolvidos, as pessoas idosas gozam de um estado de saúde muito bom, vivem com grande autonomia de ação no que se refere à família e à comunidade. A pobreza, a desnutrição e as endemias envelhecem e tornam vulnerável um grande número de idosos.

¹⁸ Ey, H. *Tratado de psiquiatria*. Barcelona, Toray-Mason, 1978.

Não obstante, nas sociedades de bom nível de vida, 80% das pessoas com mais de 65 anos sofrem de pelo menos uma enfermidade crônica; quanto àquelas com mais de 85 anos, 40% necessitam de algum tipo de ajuda em sua vida diária e 20% sofrem de algum grau significativo de processo demencial.

Assim como a velhice foi comparada à enfermidade, é comum algum tipo de analogia entre a criança e o idoso. A velhice levaria a uma situação mental semelhante à da infância, como os romanos diziam: *senectus est altera pueritia* (a senectude é uma outra infância).

Romano Guardini considera muito superficial a analogia entre a infância e a velhice, que dá a esta o nome de segunda infância. A criança é mais frágil e menos capaz de defender-se por si mesma. Além disso, são idades totalmente diferentes: por um lado, enquanto em uma predomina o crescimento e o futuro, na outra prima a decadência; por outro, o esforço vital tende a conservar o já existente e a retardar o processo de deterioração.

Na atualidade, as teorias genéticas¹⁹ afirmam que o ciclo vital, seja de uma célula ou organismo, é geneticamente determinado. Os genes contêm a informação ou o programa que determina o processo de envelhecimento, de modo semelhante ao que determina a cor dos olhos ou dos cabelos. Essas teorias são em parte comprováveis, dada a existência, em meios sociais e econômicos semelhantes, de famílias de pessoas com vida mais longa e envelhecimento mais tardio.

Para outras teorias genéticas, as células morrem como resultado de "erros" que ocorrem na formação de proteínas-chave, especialmente de enzimas. Para a teoria da mutação somática, o envelhecimento seria o produto do acúmulo gradual de células modificadas, que não funcionam normalmente.

¹⁹ HUMAN AGING. The New Encyclopaedia Britannica. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1981. t. I, p. 305.

Segundo outras teorias biológicas (não genéticas), o envelhecimento é produto do acúmulo progressivo de elementos tóxicos em células e órgãos, que acabam por interferir na função destes. A perda da elasticidade da pele e dos músculos seria um exemplo a favor de tal afirmação.

Outras teorias afirmam que a causa está na redução da capacidade de restabelecer a homeostase, o que leva à deterioração das funções orgânicas.

As teorias imunológicas do envelhecimento (teoria da auto-imunidade) afirmam que este é produto de reações imunopatológicas, nas quais os anticorpos perdem a capacidade de distinguir entre proteínas próprias e estranhas, atacando-as de forma indiscriminada e provocando a sua morte. Não há, porém, evidências experimentais disso, embora existam algumas de caráter clínico.

É provável que cada uma dessas teorias seja válida e mostre-nos um aspecto desse complexo fenômeno.

E. Cummings e W. H. Henry²⁰ formularam, em 1961, a teoria do desapego, afastamento ou desligamento (*disengagement*), segundo a qual, à medida que o ser humano envelhece, ocorre uma diminuição do interesse vital por atividades e objetos que o cercam e que esse é um processo normal, desejado pelo idoso, que aceita e sente necessidade de abandonar os papéis, atividades e funções próprios da idade adulta. O declínio das atividades sensoriais e musculares leva ao afastamento sistemático do contato e da interação social, reduzindo-se, assim, a possibilidade de que tais relações sejam geradoras de angústia, pois se evitam as situações conflitivas, em especial com as gerações mais jovens. O desapego ou afastamento permite que a pessoa idosa redistribua suas energias já minguadas, centrando-se em um menor número de objetos de maior significado.

²⁰ CUMMINGS, E. & HENRY, W. H. *Growing old: the process of disengagement*. New York, Basic Books, 1961.

Para esses autores, o afastamento progressivo das atividades é um passo necessário de preparação para a morte. Na interação social, ocorrem três modificações: menor interação, limitação dos objetos desta e preocupação consigo mesmo. Consideram que o afastamento ou desapego é um processo universal comum a todas as culturas e a todos os tempos históricos, que se apóia no declínio inevitável das funções psíquicas e corporais e, por seu caráter intrínseco, está levemente condicionado pelo social. Para eles, no envelhecimento normal há um distanciamento recíproco entre o indivíduo, que fica cada vez mais velho, e o sistema social ao qual pertence. O afastamento leva a um envelhecimento equilibrado e prazeroso, por isso consideram satisfatória a distância mutuamente adotada entre a pessoa que envelhece e a sociedade.

É na quarta idade ou senescência, nos idosos avançados, que essa teoria tem maior valor explicativo.

Robert Havighurst²¹ foi um dos principais críticos da teoria do afastamento. Ele afirma que, quanto mais o indivíduo se mantém ativo (teoria da atividade), maiores suas possibilidades de um envelhecimento adequado. Essa teoria, que é muito popular e fundamentou muitos programas que incentivam a atividade do idoso, afirma que as necessidades psicológicas e sociais são praticamente as mesmas tanto na velhice quanto na meia-idade.

Diferentes pesquisas comprovaram a existência de uma correlação positiva entre o maior número de atividades realizadas pelos indivíduos e o maior grau de satisfação com sua vida de idoso. Não se comprovou, porém, que a realização de pouca ou nenhuma atividade diminua o grau de satisfação (correlação negativa).

²¹ HAVIGHURST, R.; NEUGARTEN, B.; THOMAS, H. *Adjustment to retirement: a cross national study*. 3. ed. Assen (Netherlands), Van Gorcum, 1969.

A teoria da atividade considera que não existe qualquer possibilidade, baseada na renúncia e no afastamento social, de adaptação da pessoa que envelhece ao novo papel. O afastamento é considerado expressão patológica da velhice. A teoria da atividade tem em vista os "velhos-jovens" e propõe-se prolongar a maturidade.

O isolamento dos idosos, segundo essa teoria, é determinado pelos preconceitos segregacionistas contra os velhos.

Os autores norte-americanos Streib e Schneider²² formularam a teoria dos novos papéis, que se situa a meio caminho entre a do desapego e a da atividade. Eles reconhecem a diminuição das atividades sociais com a idade e o desejo concomitante da pessoa de permanecer ativa e plenamente "ligada" o máximo possível. Propõem o reforço de novos papéis, não impostos, que levem em consideração as motivações pessoais e as capacidades físicas, além dos recursos do meio.

Segundo a teoria da continuidade,²³ o ser humano envelhece da mesma forma que viveu. À medida que envelhece, trata de garantir a continuidade daquilo que adquiriu. Por exemplo, os idosos que procuram novas amizades e atividades são, em geral, aqueles que nos períodos anteriores estavam abertos a novas experiências.

Danish e outros (1980) e O. Brin e Carol Riff (1980) formularam a teoria da descontinuidade,²⁴ a qual afirma que as mudanças cognitivas e comportamentais do idoso decorrem de fatos como a aposentadoria, a vulnerabilidade às doenças, a viuvez, entre outros.

²² Apud SIMONE, S. & URQUIZA, E. B. *El concepto de adaptabilidad en modelos de envejecimiento*. Buenos Aires, CIGS, 1982.

²³ McCRAE, R. R. & COSTA, P. T. Aging, the life course and models of personality. In: TIFFANY, M. Field et al., eds. *Review of human development*. New York, Wiley, 1982.

²⁴ BRIM, O. & BIFE, C. D. On the properties of life events. DANISH, S. J.; SMAYERS, M.; NOWACK, C. A. Developmental intervention: enhancing life-events processes. In: BALTES, Paul B. & ORVILLE G. Brim. *Life-span development and behavior*. New York, Academic Press, 1980. v. III.

Muitos gerontólogos, como W. Schaie²⁵ e S. C. McKenzie,²⁶ consideram que a variabilidade e a diversidade aumentam com a idade, e assim a multiplicidade de padrões de conduta e de traços de personalidade é maior na velhice do que em qualquer outra idade. Para eles, a grande diversidade de estilos de vida das pessoas idosas impede as categorizações como o desapego, a atividade ou a descontinuidade.

Os pesquisadores P. B. Baltes, G.C. Labouvie e K. W. Schaie, em sua crítica ao modelo deficitário da senectude, afirmam que não se pode falar de um declínio geral, que afete todas as funções, nem de um fenômeno universal, que envolva todas as pessoas.

Também crítica das categorizações e modelos de velhice, Ursula Lehr²⁷ afirma que a senectude é um processo individual, com amplas oscilações intra-individuais e interindividuais das funções biológicas e psíquicas. Acrescenta que é necessário prestar mais atenção aos padrões individuais de envelhecimento, às formas individuais específicas do curso do envelhecimento.

Observamos que essas teorias do envelhecimento apresentadas trazem elementos importantes para a compreensão da velhice, embora parciais. Consideramos, porém, que algumas, com sua visão voltada para o biológico ou para o sociológico, desvirtuaram a compreensão psicológica desse estágio evolutivo. Segundo o modelo deficitário, de cunho biologista, a velhice é sinônimo de deterioração física, e o problema psicológico da velhice gira portanto, exclusivamente, em torno dessas mudanças. O modelo de cunho sociológico, que interpreta os idosos

²⁵ SCHAIK, K. W. Psychological changes from midlife to early old age: implications for the maintenance of mental health. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51, 1981, pp. 199-218.

²⁶ MCKENZIE, S. C. *Aging and old age*. Glenview (Ill), Scott Foresman, 1980.

²⁷ LEHR, U. *Psicología de la senectud*. Barcelona, Herder, 1980. p. 369.

como um grupo social marginalizado, considera o perfil de personalidade do idoso um produto da desvalorização e da marginalização da sociedade.

O modelo deficitário não leva em conta que um bom estado emocional permite levar e suportar as dores físicas e que muitas doenças físicas são causadas ou agravadas por problemas psicológicos.

Os modelos que consideram o idoso marginalizado ignoram tanto as mudanças corporais quanto a problemática própria do ancião, como, por exemplo, a atitude em relação à iminência da morte, ou o valor da experiência acumulada, ou o significado de ser avô.

Tudo isso não significa negar a influência social no processo de envelhecimento. A sociedade atribui um papel à pessoa idosa e é dela que depende, em grande parte, que o envelhecimento transforme-se ou não em um problema para o indivíduo.

Por último, queremos destacar que a velhice não é uma mera convenção social nem se esgota na realidade biológica.

Romano Guardini, em um modelo pessoal-espiritualista, afirma que, à medida que envelhece, a pessoa espera cada vez menos, diminuindo a expectativa e a análise das possibilidades futuras. Simultaneamente, intensifica-se a sensação de transitoriedade. Os acontecimentos, sem perder seu valor, impressionam menos o idoso, que não os leva tão a sério, por julgá-los com base em sua sabedoria, e não na dinâmica adulta.

Os que não querem ser velhos e não se aceitam como tal afastam o olhar do fim que se aproxima, aferrando-se ao estágio vital passado e pretendendo às vezes equiparar-se aos jovens. Outros capitulam diante do envelhecimento, renunciando à busca da plenitude e aferrando-se ao que ainda têm. Estes desenvolvem um egoísmo senil, um afã de valer, de dominar tiranicamente seu meio para obter a sensação de que ainda são importantes.

Quando se aceita o fim, a crise — que Guardini chama de “crise do desgarramento” (do desprendimento) — é superada, diminuindo a inveja aos jovens e a rejeição do novo. Surge a imagem vital do homem velho cujo valor é a sabedoria. O homem sábio é aquele que sabe do fim e aceita-o. O próprio final da vida também é vida e pode realizar valores que só então podem ser vivenciados. O envelhecimento não se expressa só em limitações, em ser menos capaz, mas em aquisições desse estágio.

O velho sábio não é ativo, mas irradia sua sabedoria e experiência; seu comportamento manifesta a transparência de sua vida. Ressaltam-se sua experiência e sua capacidade de julgamento.

Guardini diz que a idade do homem senil ou completamente ancião vem após a do homem velho ou sábio. Essa nova fase vital, porém, não é precedida por uma crise, uma abertura de caminhos no domínio da anterior que provoca tensões e entrelaçamentos, mas é, acima de tudo, uma decadência.

Não se encontram formas originais de vida nem uma produtividade que realize novos valores nessa etapa, e é mais difícil surgir um projeto. O aspecto positivo refere-se aos elementos oriundos da fase do homem sábio.

O homem senil caracteriza-se pela diminuição de suas capacidades e, por conseguinte, pela dependência dos demais.

Modificações corporais

As modificações corporais são mais notórias entre os 75 e os 80 anos (involução ou decrepitude). O idoso encurva-se, seus ligamentos e articulações enrijecem-se, seus ossos ficam frágeis, o tecido muscular perde elasticidade, sua atividade metabólica e sua capacidade respiratória diminuem. Portanto, ele perde mobilidade, agilidade e autonomia; seus movimentos são, em geral, mais desajeitados.

A diminuição da irrigação sangüínea afeta as extremidades, em especial o cérebro, que é muito sensível à redução de oxigênio. Produz-se também uma diminuição da velocidade condutora dos nervos ("perda de reflexos").

A deterioração das funções sensoriais não é inevitável, como demonstrado por pesquisas atuais. Um estudo realizado nos Estados Unidos com pessoas de 100 anos de idade mostrou que 9% enxergavam bem sem óculos, 62% tinham boa visão com óculos, 29% tinham dificuldades de visão mesmo com óculos e 4% eram cegas.²⁸

Outras pesquisas apresentam dados semelhantes quanto à possível e temida deterioração das funções auditivas, gustativas ou olfativas. Na dificuldade para o exercício sensorial não podemos deixar de reconhecer a intervenção do mecanismo defensivo de negação, que fica evidente tanto em estudos minuciosos de laboratório quanto nas experiências cotidianas.

A preocupação com o corpo e o declínio físico manifesta-se claramente nas conversas das pessoas idosas. Predominam os comentários sobre doenças, acidentes, operações, funcionamento intestinal, ingestão de alimentos. É uma temática que as une por serem da mesma geração e é também um dos motivos que em parte isola-as do restante de seus congêneres.

A vida sexual do idoso

A sexualidade do idoso, da mesma forma que a da criança, foi negada durante muito tempo, principalmente antes da redefinição do conceito introduzido por Freud. Essa escola considera que aceitar a sexualidade dos idosos significa aceitar a sexualidade dos próprios pais, que se estende geralmente a todas as pessoas mais velhas. Há aí uma barreira difícil de ser superada.

²⁸ SEGERBERG, O. *Living to be 100: 1200 who did and how they did it*. New York, Scribners, 1982.

Muitos encaram o idoso como alguém sem capacidade sexual, um impotente. Outros consideram perversa toda atividade sexual do ancião ("essas não são coisas de velho") e ridícula toda expressão de amor entre eles ("é uma época para as dores, e não para os prazeres"). São afirmações errôneas e preconceituosas, pois o idoso mantém tanto o interesse ou desejo sexual quanto a atividade sexual, embora com menor intensidade e frequência. Esse posicionamento consensual, por sua vez, é sustentado, no mundo contemporâneo, com a força e a penetração da publicidade, que mostra a sexualidade como monopólio da juventude, reservada a pessoas jovens e bonitas, como é revelado pelas propagandas.

A menopausa feminina não anula os desejos e a atividade sexual. A andropausa, nos homens, é gradual, de forma que o idoso do sexo masculino continua sua atividade sexual e uma certa porcentagem conserva a capacidade de procriar. Assim, foram encontrados espermatozóides ativos no sêmen de homens com mais de 80 anos.

As pessoas idosas costumam sentir-se limitadas para desenvolver sua atividade sexual. As depressões e diferentes dores físicas causam a diminuição do desejo e da atividade. Alguns gerontólogos constataram que, depois dos 80 anos, 75% dos idosos não têm desejo nem atividade sexual por diferentes motivos: medo de "exceder-se" e causar dano físico a seu cônjuge, medo de um ataque cardíaco ou de uma hemorragia cerebral. O medo de expor-se ao fracasso ou de ter experiências frustrantes também os leva a abandonar a atividade sexual. Como em todas as idades, a atitude do "outro" pode ajudar a pessoa a conviver melhor com esses medos e a dissipá-los em parte, de modo que ambos possam ter prazer nas manifestações que um pode oferecer ao outro.

O interesse e a atividade sexuais não cessam com a idade, pois se mantêm como uma condição legítima e importante da vida e como fonte de prazer, de comunicação e de amor mútuo. Não podemos deixar de lembrar que o amor autêntico

não se extingue com a impossibilidade do encontro corporal e, portanto, qualquer pessoa, até o final da vida, é capaz de amar e ser amada.

Modificações na capacidade de rendimento das funções psíquicas

Muitas pesquisas atuais afirmam que as funções psicológicas modificam-se de forma diversa no decorrer da vida, e assim questionam a diminuição da capacidade intelectual na velhice. Consideram que a inteligência é uma unidade funcional de faculdades primárias relativamente independentes entre si, que agem em conjunto, em constelações específicas, para a solução dos diversos problemas, e nas diferentes etapas vitais ocorrem deslocamentos e reorganizações dessas funções.

As funções psicológicas atingem seu ponto máximo em momentos diferentes. Assim, por exemplo, na juventude predominam as funções que podem ser definidas como a inteligência fluida (agilidade mental, capacidade de combinação, orientação em situações novas) e com a idade aumentam as faculdades compreendidas no conceito de inteligência cristalizada (conhecimentos gerais, saber com base na experiência, vocabulário, compreensão da linguagem). Desse modo, algumas teorias afirmam que, além de não haver diminuição do rendimento intelectual, produz-se uma modificação qualitativa, ou seja, surgem outras modalidades do complexo ato humano de pensar. Nesse período vital, como em outros, por exemplo na infância, um meio estimulante é fundamental para a manutenção das faculdades intelectuais.

Quanto à aprendizagem, há diferenças significativas entre os adultos e os idosos. Estes exigem mais tempo e material mais organizado e menos complexo do que aqueles. No processo de aprendizagem, são mais sujeitos a perturbações que os jovens e os adultos. Por exemplo, as pausas intercaladas durante os exercícios, que fazem melhorar os resultados da aprendi-

zagem nos jovens, no caso dos idosos geralmente pioram-no.²⁹ A aprendizagem por partes é mais favorável aos jovens, enquanto a global o é para os idosos.³⁰

O adulto com formação intelectual deixa de lado os elementos acidentais e trabalha com fatores essenciais e generalizações. Por isso, a decadência do rendimento intelectual é maior no caso do idoso de menor formação.

A disposição interna para captar e reter é fundamental no caso dos idosos que conservam a capacidade de aprender. Muitos perdem essa capacidade porque se fecham à realidade e a novas experiências que podem ser frustrantes (retirada ou recuo do ego).

É comum ouvir falar da dificuldade de memória do idoso, que o tornaria pouco confiável para algumas tarefas. Porém, o problema de perda da memória é pequeno e ocorre apenas com alguns tipos de memória. A mais afetada pela perda da capacidade devido à idade é a memória secundária, aquela que recupera um dado vários minutos ou horas depois de ser apresentado à pessoa, e não a memória primária, a qual permite recordar um dado pouco tempo depois de ter sido informado.

Paradoxalmente, os idosos conservam a informação mnemônica do acontecido muitos anos antes (memória terciária).

A função intelectual, a memória e a aprendizagem são as mais questionadas no rendimento senil. Os pesquisadores atuais, porém, jogam por terra essas crenças e enfatizam as diferenças qualitativas entre o idoso e o jovem ou o adulto em seus desenvolvimentos e conquistas.

²⁹ ROTH, E. Lerner in verschiedenen Altersstufen. *Ztschr. exp. angew. Psychol.*, 8, 1961, pp. 409-417.

³⁰ DOWNS, S. Age in relation to part and whole learning. *J. Gerontol.*, 20, 1965, pp. 479-482.

Modificações da personalidade

As modificações corporais anteriormente mencionadas favorecem a constante modificação da imagem física. Os ajustes são acompanhados de sentimentos depressivos de perda e de temores pela crescente vulnerabilidade e lentidão do corpo para adaptar-se às exigências do meio. Isso diminui a auto-estima, o que leva os idosos a negar o envelhecimento ou a atribuir todos os seus problemas a dores físicas, projetando todos os seus conflitos e inseguranças no corpo (tendência à hipocondria).

Marta Leonor Méndez,³¹ seguindo o modelo de Arminda Aberastury sobre os lutos da adolescência, propõe os quatro lutos básicos da velhice descritos a seguir:

1. O luto pelo corpo potente. É uma tomada de consciência do declínio físico.
2. O luto pelo papel paternal. Ocorre quando o papel de tipo paternal, ou a generatividade à qual se refere Erikson, não pode ser desempenhado total ou parcialmente devido a impedimentos físicos, psíquicos ou sociais (enfermidades, internação). Também ocorre quando o indivíduo passa do papel paterno para o da nova identidade de avô.
3. O luto pelo papel social. Desencadeia-se devido à aposentadoria, à perda do papel profissional e econômico.
4. O luto pela perda de relações objetais significativas (descateização), como, por exemplo, as perdas de amigos e familiares ou a viuvez. O indivíduo aferra-se ao passado, que foi gratificante, em detrimento da possibilidade atual de comunicar-se com os demais.

³¹ MÉNDEZ, M. L. *El senil y el otro*. Buenos Aires, Eudeba-CEA, 1979. pp. 61-77.

Além desses lutos, os autores psicanalíticos descrevem o aumento de ansiedades e o uso específico de alguns mecanismos de defesa.

No caso de muitos idosos, há aumento da desconfiança como posição defensiva. O processo de diminuição da rapidez das funções e o enfraquecimento do ego colocam o idoso em estado de alerta diante do mundo externo, vivido como mutável e poderoso. Portanto, é difícil para ele prosseguir com seu ritmo e operar nesse mundo.

A Psicanálise também destaca como característica da personalidade do idoso a tendência à regressão, a retração do mundo externo para o interno e a reativação de fantasias primitivas. No idoso, a regressão pode cumprir a mesma função básica que a repressão no jovem, ou seja, garantir o equilíbrio entre o id, o ego e o meio.

Juntamente com a regressão, a negação é outra das defesas próprias desse momento. Observa-se uma negação seletiva, e assim a pessoa tende a negar a existência do que lhe é penoso. Muitos idosos parecem ver ou ouvir apenas o que querem. É um recurso para aliviar a intensidade e a quantidade de estímulos exteriores que ameaçam seu equilíbrio psíquico.

Nesse instante da vida, a personalidade, como constante relação entre o eu e o mundo, um mundo visto a partir do ego e um ego influenciado pelo mundo, é objeto de um retraimento, de uma volta cada vez maior para o mundo interior. Disso decorrem a elevação das defesas diante do externo e a dor causada pelos aspectos perdidos da personalidade, que sempre está em constante mudança.

Os avós

O relacionamento entre os avós e os netos é o vínculo adulto mais significativo depois da relação entre pais e filhos.

Arthur Kornhaber,³² em suas pesquisas, descobriu que as crianças que mantinham estreita ligação com pelo menos um dos avós eram diferentes daquelas que o faziam de forma intermitente ou pouco freqüente. As de estreito vínculo com os avós tinham um alto sentido de pertença à família e à comunidade, uma melhor socialização. Nelas, diminuía a atitude de preconceito em relação aos idosos, porque se sentiam amadas por pessoas de idade avançada, e também diminuía o medo da velhice.

Os avós oferecem aos netos, pelo simples fato de estar com eles, um marco mais geral de controle (continência) e aceitação afetiva. Além disso, oferecem-lhes um espaço e encontro pessoal diferente do oferecido pelo grupo de pares e pelos pais. Nesse espaço, os netos podem aprender com as experiências dos avós, por meio de histórias de outros tempos e de outros modos de vida. Os avós representam a segunda linha de segurança para a criança.

Os avós exercem influência sobre a criação tanto de modo direto quanto indireto. Diretamente, ao administrar, por exemplo, cuidados, levando as crianças a passear, orientando-as com seus relatos; indiretamente, orientando ou apoiando os pais da criança.

Alguns avós fogem de seu papel ("já criei meus filhos e já cumpri meu papel"); outros competem com os pais pela educação dos netos e são então recriminados por ser intrometidos e controladores.

³² KORNHABER, A. & WOODWARD, K. L. *Grandparents, grandchildren: the vital connection*. Garden City (NJ), Anchor, 1981.

Os avós adotam em geral uma atitude e exigem normas de comportamento diferentes daquelas que adotaram e exigiram de seus filhos; são mais flexíveis e tolerantes, admitindo exceções às regras estabelecidas. Por isso, muitos pais dizem que eles deseducam as crianças.

Ser avô ou avó, em termos normais, supõe uma relação harmoniosa no seio familiar entre as três ou quatro gerações (no caso de haver bisavós) e a dedicação à família como filosofia de vida. Permite um maior intercâmbio entre os membros e ajuda a repartir os papéis e responsabilidades, de maneira que os pais não se vejam amarrados, como no caso do funcionamento da família nuclear. Dessa forma, a família extensa pode solucionar os problemas da educação das crianças com seus próprios recursos, sem recorrer à sociedade (por exemplo, creches e escolas para cuidar do bebê enquanto a mãe trabalha).

É importante, porém, levar em consideração que, em muitos casos, os pais delegam a criação e a educação de seus filhos aos avós, seja porque necessidades imperiosas levam a mulher a trabalhar fora do lar, seja porque ela tem necessidade de se desenvolver profissionalmente. Em qualquer um desses casos ocorre um desvio de funções: os avós, de algum modo, ocupam o lugar dos pais, já que estes, devido a suas propostas sociais, assumem mais o papel de provedores que o de orientadores, ou seja, o papel daqueles que acompanham, que escutam; daqueles que permanecem como um referencial constante, a quem recorrer a qualquer momento.

Ursula Lehr³³ destaca que na Europa ocidental são poucas as famílias nas quais as três gerações vivem no mesmo lar (cerca de 10%), embora mais de 60% dos idosos mantenham contato quase diário com seus filhos e netos.

³³ LEHR, U. *Psicología de la senectud*. Barcelona, Herder, 1980.

A maioria dos idosos prefere viver independentemente, embora em estreito contato social e emocional com os filhos e netos. Há uma busca de maior proximidade interior, ao mesmo tempo que se tenta manter o distanciamento exterior.

A dor, a doença e a morte

Viktor Frankl afirma que não existe na vida nenhuma situação sem sentido. Mesmo os aspectos da existência humana que poderiam ser considerados negativos, como o sofrimento e a enfermidade, podem, com a disposição e a atitude adequadas, ser transformados quando se encontra um porquê. Essa atitude diante das limitações da vida e do destino coloca em jogo a realização dos "valores de atitude", na qual o homem é um ser consciente e responsável pela formação de seu próprio sentido. A doença ou a proximidade da morte nos levam a aproveitar ao máximo as oportunidades para a realização desses valores.

O idoso e sua família enfrentam a doença, a dor e a morte com um terceiro personagem, que é o médico. O triângulo ancião-família-médico interage de diferentes formas, às vezes móveis e carregadas de fantasias.

A doença mobiliza fantasias, afetos e papéis nos membros do núcleo familiar. Assim, uma enfermidade súbita comove e obriga a uma modificação súbita de papéis, diferentemente da enfermidade crônica, que permite uma adequação progressiva da família à situação. Muitas vezes, delega-se ao irmão ou irmã solteiros o papel de cuidar do idoso doente. Em alguns casos, há competição para cuidar do enfermo, ou discussões por delegar o cuidado ao que ocupa o papel de enfermeiro. Sempre, porém, são mobilizadas culpas e hostilidades entre familiares, que se acusam mutuamente de não dar ou de dar o cuidado necessário. Essas representações atualizam velhas pendências não resolvidas.

Não devemos adoecer com o doente, mas sim acompanhá-lo. Por isso, é importante a atitude da família diante dele. É um momento importante não só para transmitir ânimo e ofere-

cer cuidados, mas também para poder viver o sentido da vida e do adoecer. Partilhar a vida de um enfermo, seus valores e atitudes permite-nos muitas vezes modificar os próprios hábitos, comportamentos e até mesmo nossa forma de vida, o sentido de nossas vidas. Da mesma maneira, permite-nos pensar sobre nossa enfermidade e morte.

É freqüente que a doença e a morte mobilizem com maior intensidade as fantasias dos parentes do que as do idoso ("que sofra o menos possível", "é melhor morto do que inválido"). Uns querem mantê-lo em casa a todo custo; outros, pelo contrário, consideram a possibilidade de internação.

É importante que o idoso possa confrontar-se com a doença e com a possibilidade de morrer e aceite-as como parte do processo natural da vida. Isso dependerá das fantasias ativadas nesse momento, ou seja, as de cura, de sofrimento, de limitação, do além, de penalização, de solidão, de abandono, do que não foi feito.

A doença reativa no idoso o conflito dependência-independência; alguns exigem cuidados, mas têm medo de depender excessivamente dos demais; outros não aceitam nenhum tipo de ajuda; outros, ainda, submetem-se passivamente a seus cuidadores eventuais.

Às vezes o idoso doente exige e precisa ter todas as suas necessidades atendidas, e atenta para os menores detalhes. Em qualquer caso, ele é muito sensível às pequenas atenções, cuidados e valorizações, como, por exemplo, a visita ou telefonema dos filhos. A ausência dessas atenções provoca reações depressivas.

Geralmente, tanto o idoso quanto a família projetam no médico uma figura onipotente, salvadora, protetora, onisciente. Isso já ocorria nas civilizações primitivas, do bruxo ao sacerdote, do curandeiro ao profissional atual, acompanhado de elementos de alta tecnologia. O médico pode ou não assumir o poder que lhe é conferido, o de ter a vida e a morte em suas mãos.

O nascimento e a morte eram até pouco tempo atrás acontecimentos familiares que ocorriam no lar. Mas agora, nas grandes cidades desenvolvidas, a morte é negada ou expulsa da vida cotidiana e familiar. A maioria das pessoas morre em hospitais ou em casas de repouso, sob os cuidados do médico ou da enfermeira.

Nesses locais, muitas vezes com alta complexidade técnica, a família enfrenta, diante dos médicos e na ausência do idoso doente, duas atitudes extremas: por um lado, há os que propõem desde a eutanásia até outras medidas para antecipar a morte e evitar a dor; por outro, há tentativas de prolongar a vida de modo artificial. Assim, alguns enfrentam a morte com uma atitude onipotente, que os converte em "donos" desse instante final, enquanto outros deixam o ser querido quase apenas na companhia de aparelhos, separado "mecanicamente" dos rostos daqueles que mais amou e pelos quais viveu.

Fundamentalmente, está em jogo, aqui, o sentido da vida e da morte do idoso enfermo, e é isso que a família e a sociedade devem respeitar, buscando em uma morte digna uma terceira solução.

Tempo, morte e eternidade

Nestas páginas finais queremos apresentar para reflexão o pensamento de Eduardo Spranger,³⁴ que está vinculado ao desenvolvimento da existência humana, com seus temas fundamentais, suas crises, suas realizações. Esse autor considera que, se alguém limita a vida ao transcorrer biológico, talvez não valha a pena vivê-la nem desde o início e muito menos no final. Porém, se leva em consideração que esta vida humana, como vida espiritual, é portadora de sentido, é transcendente, a pessoa eleva-se a outra dimensão. Uma vida sem esse conteúdo não é digna de se viver. Vive-se apenas para os conteúdos que dão sentido. Mais ainda: também se morre por eles.

³⁴ SPRANGER, E. *Reflexiones sobre el desarrollo de la existencia*. Buenos Aires, Fabril Editora-Mirasol, 1964.

O destino mais trágico para o homem, por seu soma, sua materialidade, é o de estar submetido à temporalidade, apesar de uma ânsia interna levá-lo a desligar-se incessantemente do tempo, para formar parte do eterno. Assim, toda uma vida está inscrita no tempo e é tempo. A vontade não pode romper o tempo nem sua voracidade e é essa talvez sua maior frustração, é seu limite.

O idoso, de alguma forma, encontra-se com os dias cumpridos, muito além da temporalidade; daí não haver nada mais enigmático do que a relação que mantém com o tempo. Para ele, é como se o passado se fizesse presente e como se sua juventude estivesse à mão; outros, porém, aferram-se ao momento presente talvez como tentativa de detê-lo; há uma terceira instância: a dos mais vigorosos, que penetram o futuro com o olhar claro da "sabedoria".

É aqui que o passado é impregnado de eternidade, extinguiram-se o vir a ser e a ação para deixar em seu lugar a sabedoria contemplativa. Como decorrência, o idoso vê o mundo e a vida humana como *sub specie aeternitatis*, ou seja, sob o olhar da eternidade.

O idoso retirou seu eu do mundo, afastou-se da luta diária e, no retorno para a interioridade, ao núcleo mais íntimo do seu ser, comprova que algo se salvou daquela corrente tempestuosa e tumultuosa da vida passada. A interioridade dá testemunho de um eterno sentido que transcende a ordem tempo-espaco do mundo.

Como consequência, existimos com e na esperança de transcender a morte. Tentamos, de diferentes modos, superá-la: seja na recordação de nossa família ou amigos, seja na criação de uma obra de arte ou em outra cristalização de projeto nosso, como uma fábrica, uma invenção ou a construção de um objeto; seja, talvez, na última sementeira de flores para uma primavera que não veremos; há também aqueles que transcendem a morte enquanto desejam e esperam outra vida, já não sujeita à matéria, à dor, à doença, que lhes permita alcançar e contemplar o Absoluto, Deus.

SUGESTÕES PARA LEITURA

- BERGER, K. S. *The developing person through the life span*. New York, Worth Publishers, 1983.
- CUMMINGS, E. & HENRY, W. H. *Growing old: the process of disengagement*. New York, Basic Books, 1961.
- DE MUCHINICH, E. A. G. *Hacia una nueva imagen de la vejez*. Buenos Aires, Belgrano, 1984.
- ERIKSON, E. H. *La adultez*. México, FCE, 1981.
- KOMAROVSKY, S. La crisis de la edad media de la vida. *Acta psiquiátrica y psicológica de América Latina*, 32, 1986, pp. 203-206.
- KORNHABER, A. *Abuelidad normal y patológica: una comunicación preliminar del estudio de los abuelos*. Buenos Aires, Centro de Estudiantes de Psicología. UBA, 1988.
- LEHR, U. *Psicología de la senectud*. Barcelona, Herder, 1980.
- LIDZ, T. *La persona: su desarrollo a través del ciclo vital*. Barcelona, Herder, 1980.
- MÉNDEZ, M. L. *El senil y el otro*. Buenos Aires, Eudeba-CEA, 1979.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. *Hacia el bienestar de los ancianos*. Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1985. (Publicación científica, 492.)
- PAPALIA, D. E. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- PEDROSA, C. *La psicología evolutiva*. Madrid, Marova, 1976.
- PROHASKA, L. *El proceso de maduración en el hombre: fundamentos de una pedagogía*. Barcelona, Herder, 1975.
- SALVAREZZA, L. *Psicogeriatría*. Buenos Aires, Paidós, 1988.
- SPRANGER, E. *Reflexiones sobre el desarrollo de la existencia*. Buenos Aires, Fabril Editora-Mirasol, 1964.

STEFANI, D. & RODRIGUES FEIJÓO, N. Actitudes hacia la vejez y nivel socioeconómico. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v. 20, n. 2, 1988, pp. 207-216.

ZINBERG, N. E. & KAUFMAN, I. *Psicología normal de la vejez*. Buenos Aires, Paidós, 1987.